

# Páginas



PAULUS

ANO 41 • nº 67 • 2016

# Abertas



## *Encontro, afetividade e pluralidade*

### Cultura

Museu da resistência: memórias da repressão e resistência durante o regime militar

### Didática

Criatividade em alta: a aventura de ler e interpretar um livro criado somente com imagens



# A beleza do Velho Chico nos versos do cordel



Na data de São Francisco,  
dia quatro de outubro,  
o sol no céu se fez rubro.  
o Rio corria arisco,  
refrescava a paisagem  
respingando seu chuveisco.







32 páginas

## Cordel do Rio Chico

Jorge Fernando dos Santos

Ilustrações de Luciano Tasso

No livro *Cordel do rio Chico*, Jorge Fernando dos Santos conta a história do Velho Rio São Francisco em versos de cordel, com sensibilidade e encanto. Verdadeiro manifesto poético pela sobrevivência do Velho Chico, a obra alimenta a imaginação e nos mostra que a preservação da natureza depende somente de nós.

**PAULUS,**  
dá gosto de ler!

**paulus.com.br**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)

  
**PAULUS**

# 06

## Entrevista

### Navegando alto nas ondas do YouTube

Para entender melhor o universo dos youtubers e seus numerosos seguidores, conversamos com a professora Helena Mendonça, que analisou o fenômeno, e com o jornalista multimídia Eldo Gomes.

# 14

## Didática

### Livro de Imagem: uma aventura a ser descoberta

Alexandre Carvalho comenta sobre o papel e a compreensão dos leitores diante do livro criado só com imagens.

# 22

## Cultura

### Quem sabe faz a hora, não espera acontecer...

As histórias das pessoas que lutaram pela democracia e o fim da repressão política durante a ditadura civil-militar brasileira, no Memorial da Resistência de São Paulo.

# 26

## Social

### O aprender do pensar

Educação cognitiva e habilidades sociais: regras, limites e autonomia.

# 28

## Lúdico

### Os segredos das boas histórias

Lúdico e poético se misturam para dar forma à imaginação e aprendizagem.

# 34

## Carreira

### O que você vai ser quando crescer?

Como ajudar os alunos na complexa decisão da escolha profissional?

# 16

## Encontro, reciclagem e atualização

O 11º Simpósio de Educação PAULUS renova o compromisso com o tema, atualização, debate e reciclagem dos educadores. O professor Elian Alabi Lucci palestrou sobre a Pedagogia do encontro, da afetividade e pluralidade. Na sequência, uma animada mesa com escritores e mediador debateu as literaturas infantil e juvenil – seus gêneros, leitura e ensino. Além das palestras, seis workshops aperfeiçoaram os conhecimentos dos participantes em diversos temas.

# 10

## Filosofia

Ética e acomodação acovardada,  
por Mario Sergio Cortella

# 12

## Sala de Aula

Era uma vez...,  
por Pedro Silva

# 20

## Pensamentos

Educação para a pluralidade,  
por Claudiano Avelino dos Santos

# 21

## Literatura

Lázaro e o cachorro Piaba,  
por Antonio Iraldo Alves de Brito

# 24

## Li, Gostei e Recomendo!

Psicologia no pensamento do Ocidente: das raízes gregas aos alicerces na modernidade,  
por Cleusa Sakamoto

# 30

## Opinião

Estado Islâmico: utopia e a mente delirante,  
por Jacques A. Wainberg

# 32

## Páginas Abertas Indica

Comunicação, filosofia, literatura infantojuvenil, ética e escolha profissional são alguns dos destaques das indicações de leitura

# 37

## Reflexão

A influência da Internet na vida das crianças e adolescentes,  
por Alexandre Carvalho

# 38

## Crônica

Amigos reais e virtuais,  
por Douglas Tufano

# Encarte

## Especial Formação de Professor

Assim como o Simpósio de Educação PAULUS ressaltou a importância da pedagogia do encontro e da afetividade, o encarte dessa edição aborda tema semelhante com o livro *Uma criança gentil*, escrito por Michaelene Mundy. O projeto pedagógico de Beatriz Tavares de Souza mostra como compreender a vida e transformar o mundo a partir da diversidade cultural e dos relacionamentos. O livro convoca as crianças para gestos concretos e mudanças de comportamento que envolvam a solidariedade e a gentileza.



# Páginas *Abertas*

Ano 41 – nº 67 – 2016  
Julho - Agosto - Setembro  
ISSN 1414-4638

#### Diretor editorial

Claudio Avelino dos Santos

#### Diretor de Difusão

Mario Nahuelpán López

#### Jornalista responsável

José Dias Goulart MTB 20.698

#### Conselho editorial

Alexandre Carvalho, Antonio Iraldo Alves de Brito,  
Dívia Ludvichak, Erivaldo Dantas  
e Marcelo Balbino

#### Direção de Arte

Samuel Lima

#### Diagramação

Rafael Luzio e Thais Ramone

#### Reportagem

Cleane Santos e Marcelo Balbino

#### Edição de Texto

Marcelo Balbino

#### Revisão

Isabela Talarico

#### Colaboradores

Alexandre Carvalho; Antonio Iraldo; Beatriz  
Tavares de Souza; Claudio Avelino; Cleusa  
Sakamoto; Douglas Tufano; Jacques A. Wainberg  
e Mario Sergio Cortella.

#### Redação

Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091  
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742  
FAX: 11 5579-3627  
paginasabertas@paulus.com.br

#### Atendimento ao Leitor

Tel.: (11) 3789-4000  
assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

#### A assinatura da revista

**PÁGINAS ABERTAS é gratuita.**  
Para mais informações,  
ligue: (11) 3789-4000

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



## Editorial

# O encontro da educação

Mais uma vez a PAULUS reforça o seu compromisso com a atualização, a reciclagem e a troca de ideias entre os professores, seja com os livros, eventos, nossa revista ou mesmo com o 11º Simpósio de Educação, que reuniu profissionais, especialistas e estudantes que se preocupam em discutir os desafios do segmento.

Matéria de capa dessa edição, o simpósio trouxe lições como a palestra do professor Elian Alabi Lucci, intitulada Pedagogia do Encontro. Ele demonstrou que, mesmo diante de tanta modernidade e tecnologia no ensino, não podemos deixar de educar os alunos para os valores e as humanidades. O palestrante propôs alguns caminhos para chegar até a afetividade com os alunos, com o objetivo de reforçar a estrutura familiar e promover a educação para a pluralidade.

Ainda no simpósio, uma mesa de debates formada por autores e professores manteve uma animada conversa sobre um tema de interesse geral: as literaturas infantil e juvenil, seus gêneros, leitura e ensino. O encontro foi mediado pelo professor Nicolau Gregorin e teve como convidados Adalberto Cornavaca, Lenice Gomes, Manuel Filho e Marco Haurélio.

Já a entrevista desta edição trata de um assunto que tem ganhado cada vez mais espaço: os youtubers. Acompanhe a opinião de uma professora, especialista em tecnologias, e, do outro lado, a de um profissional, que produz e mantém um canal no YouTube.

Interatividade, imaginação, o cognitivo e a ludicidade também estão presentes nesta edição. Desta vez, a revista traz uma matéria que enfoca a questão dos livros produzidos somente com imagens, além de uma reportagem sobre o lúdico e o poético das boas histórias.

História também é tema da revista, na reportagem que fala do Memorial da Resistência de São Paulo, no bairro da Luz. Seu objetivo é preservar as memórias da resistência às violências cometidas pelo regime civil-militar no Brasil, de 1964 a 1985.

A realidade também está presente, como material de reflexão, no artigo do professor Jacques A. Wainberg. Autor do livro *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências* (PAULUS), ele comenta sobre a utopia e a mente delirante dos militantes do Estado Islâmico em artigo.

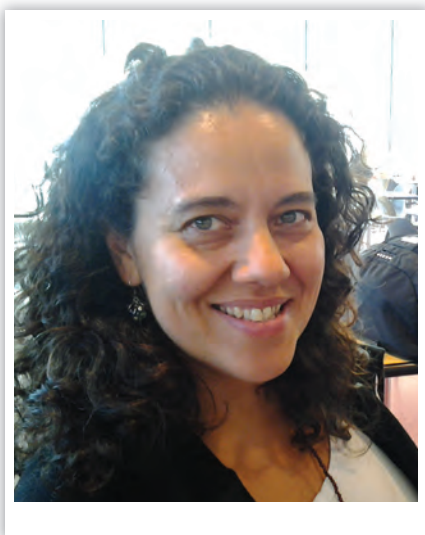
Obrigado por sua companhia. Uma ótima leitura e até breve!

**Equipe Páginas Abertas**



# Navegando **alto** ▶ nas ondas do **YouTube**

Fenômeno de acessos na internet, os youtubers despontam com milhões de acessos e seguidores em seus canais. Ainda que muitos temas não sejam considerados educativos pelos professores, lançamos um breve olhar sobre a questão em duas pequenas entrevistas. A primeira é com a professora Helena Mendonça, coordenadora de Tecnologias Educacionais da Escola da Vila, em São Paulo (SP). Na sequência, fazemos algumas perguntas ao jornalista multimídia Eldo Gomes, que também é youtuber e nos conta como funciona seu trabalho atualmente. Acompanhe!



Divulgação

## **Como você analisa o canal Youtube hoje? Qual a principal função em seu ponto de vista?**

Atualmente, entendo que a principal função do canal é oferecer entretenimento. Digo isso, mas reconheço também que existem alguns canais muito bons, que publicam materiais interessantíssimos para o uso na escola. Recentemente, por coincidência, um grupo de alunos de 8º ano da Escola da Vila, onde atuo como coordenadora de tecnologias educacionais, fez uma pesquisa sobre o uso do

YouTube com os alunos dos 6º, 7º e 8º anos, totalizando 94 alunos. Achei interessantes alguns pontos dessa breve pesquisa.

## **E o que a pesquisa revelou?**

A pesquisa mencionou dois pontos interessantes. O primeiro é que praticamente todos os alunos acessam o YouTube, e quase metade do grupo o faz todos os dias. O segundo ponto constatou que 65% do grupo de alunos acessam o YouTube para entretenimento. Trata-se de uma pesquisa escolar, breve, a partir de um grupo pequeno de alunos, mas nos ajuda a perceber quanto e como nossos alunos têm usado o serviço.

## **Vocês utilizam outras pesquisas sobre o tema também?**

O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – CETIC, responsável pela produção de indicadores e estatísticas sobre a disponibilidade e o uso da internet no Brasil, divulga pesquisas bastante interessantes. Entre elas, há dois links (<http://cetic.br/pesquisa/educacao/>

e <http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>) sobre o uso de tecnologias em escola e para fins educacionais. O segundo link mencionado mostra uma pesquisa chamada Kids Online, que entrevistou, entre 2014 e 2015, mais de 2000 crianças, de 9 a 17 anos, em 129 municípios brasileiros. Metade das crianças citou como atividade regular o acesso ao YouTube. Não há um indicador de que tipo de material acessam, mas é importante saber que as crianças entram e acessam o site e que esse uso vem crescendo ao longo dos últimos anos.

## **Algum desses canais chamou mais a sua atenção?**

Há um canal, por exemplo, que mostra o jogo de mãe e filha no Minecraft. Elas assumem um personagem no jogo e o áudio mostra o diálogo entre as duas. Atualmente, tem quase 163.000 inscritos. Ao mesmo tempo que a filha instrui a mãe a jogar, ensina também aos que assistem. É curioso observar esse movimento de fama no YouTube. Há também canais como, por exemplo, O Manual do Mundo, com quase



6 milhões de inscritos. São vídeos excelentes de “como fazer”, usados por muitos professores como apoio em trabalhos educacionais. Esse é apenas um exemplo de vários canais talvez menos expressivos do tipo.

### **Na sua visão, existe alguma relação entre educação e os youtubers? Qual?**

A relação mais imediata que vejo é que normalmente há muitas crianças com canais ativos no YouTube, mas essa atividade acaba não sendo, de alguma forma, levada em consideração na escola. Poucas instituições apoiam essa iniciativa das crianças e jovens. Há várias possibilidades de apoiá-los e orientá-los para que não somente os que já têm canais, mas também outros alunos, possam aprender a criar vídeos e refletir sobre o tipo de conteúdo que estão criando. Além disso, é importante que a escola tenha espaços para que os alunos reflitam sobre diversos temas que envolvem a publicação na internet, sobre a relação deles com o que é público e o que é privado, o que eles consideram fama e a qual tipo de conteúdo eles têm acesso na rede, entre muitos outros temas que precisam ser discutidos e tematizados na escola.

### **A escola pode se utilizar de conteúdos produzidos por youtubers? De que forma e para qual aluno?**

A escola pode usar, lógico, se for um material de qualidade, mas acho ainda mais interessante a possibilidade de se abrir espaço para que os alunos criem conteúdo no YouTube e em outros locais também. Defendo a existência de ambientes de criação digital na escola. Espaços nos quais os alunos

aprendam a técnica e os procedimentos, mas, mais importante do que a técnica, aprendam as questões éticas sobre a criação e publicação, instrumentos para a análise desses conteúdos e tantos outros temas que envolvem esse tipo de produção.

### **Como podemos analisar o uso da tecnologia na sala de aula? Quais seriam as vantagens e desafios?**

As tecnologias digitais podem ser ferramentas muito potentes para o trabalho educacional. Digo “podem” porque tudo depende do contexto em que a prática pedagógica está inserida. Podemos usar estratégias de todo tipo para ensinar com o uso de tecnologias; o que determinará a qualidade da prática serão os princípios didáticos, os valores e referências da instituição e, a partir disso, as escolhas do professor.

Dessa forma, é importante definir os princípios do uso de tecnologias na instituição, que devem estar alinhados com os princípios da escola. A partir daí, é necessário planejar ações de formação dos professores para colocar na prática as estratégias que consideram o uso das tecnologias digitais, que são, muitas vezes, novas na prática do professor.

### **Na sua visão, os professores estão preparados para incorporar as novas tecnologias na escola? Ou isso depende de dinheiro, diretriz, governo e outras questões?**

Tudo isso é necessário. Além disso, é necessário também tempo para reflexão, estudos e troca entre os professores. Como se trata de um assunto muito novo, todos precisamos estudar, refletir e a escola precisa abrir

espaço para esse tema. Só assim os professores estarão mais preparados para essa incorporação.

### **Qual seria um bom caminho entre as novas tecnologias e a escola, em sua opinião? Estamos muito longe disso?**

Acho que há várias iniciativas muito interessantes por aí. As tecnologias não são mais tão novas assim. É importante que a escola aprenda a usar essas ferramentas para poder decidir sobre seu uso ou não. E aprender sobre elas envolve abrir espaço para os alunos também aprenderem. Espaços de reflexão e formação para os professores são fundamentais, mas uma frente muito importante na escola é abrir espaços para que os alunos aprendam, ensinem e reflitam sobre o tema. Esse tipo de ação também impulsiona a exploração de recursos e ferramentas por parte dos professores.

### **Você acredita que o modelo das novas tecnologias torna o papel do professor mais como o de um amigo ou monitor das atividades? Como se preparar para isso?**

Sem dúvida o papel do professor é um tema que deve ser sempre discutido. São muitas as funções que o professor assume na escola e, em sua formação, este deve ser um tema presente. O papel do professor em sala de aula sempre foi um tema importante, mas o que muda nesse cenário, com o uso de tecnologias, é a mediação das tecnologias, que pode acontecer com as ferramentas, recursos e eventualmente ambientes virtuais, e que sem dúvida tem impacto nas relações que se estabelecem em um ambiente de aprendizagem.





## O ofício de quem produz a notícia



Divulgação

Eldo Gomes é jornalista multimídia, youtuber, colunista de turismo e editor do site [aconteceBrasilia.com.br](http://aconteceBrasilia.com.br), além de coordenador do Movimento Social dos Blogueiros. A seguir, ele nos conta um pouco mais sobre o dinâmico trabalho que realiza e seus desafios.

### Qual é o segredo do sucesso? Como ter tantos seguidores na rede?

A comunicação nos permite inovar e aderir a diversas plataformas para propagar nosso trabalho, principalmente

nesta era de compartilhamento em que vivemos, com várias plataformas de *streaming* e também de difusão de conteúdo na web. Todo trabalho que segue uma identidade gera sua identidade na rede e isso atrai pessoas interessadas em determinado conteúdo.

### Como funciona o seu canal? Qual o assunto principal e como produz seus vídeos?

Meu canal é de jornalismo com entretenimento, voltado para um público que gosta de consumir conteúdo de qualidade, com outro olhar sobre os mais variados assuntos. Um dos temas sobre os quais até o momento mais produzi foi turismo, por conta das viagens que fiz para o site [aconteceBrasilia.com.br](http://aconteceBrasilia.com.br), onde atuo como editor de conteúdo há mais de 9 anos.

### Quais são os seus projetos futuros?

Quero elevar cada vez mais a qualidade dos vídeos e temas abordados, sem perder minha identidade atual, que é o entretenimento. O YouTube tem gente produzindo conteúdo a todo minuto sobre os mais variados assuntos, o que faz com que só os canais mais engajados consigam elevar seus números. É uma tarefa árdua. Quero continuar atuando no jornalismo digital e multimídia. E, principalmente, ter mais tem-

po de produzir vídeos para meu canal. O trabalho como jornalista, principal fonte de renda, impede a atuação como youtuber em tempo integral.

### Como você vê a relação entre YouTube e jornalismo?

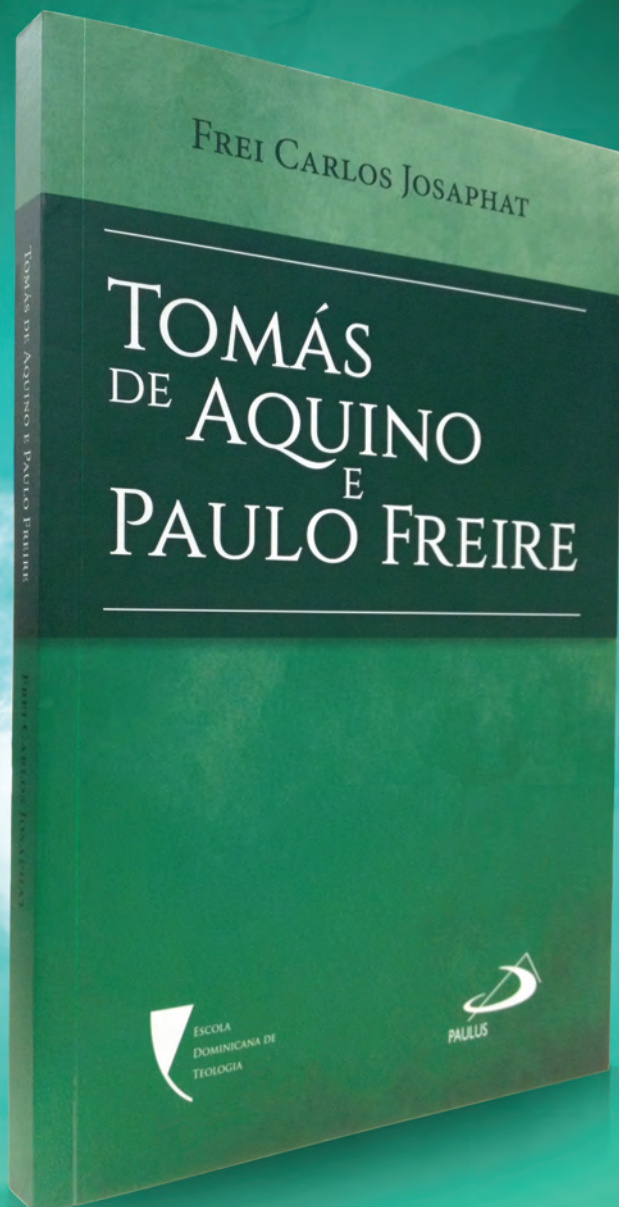
A mudança na comunicação é notória. O jornalismo feito para o YouTube ainda é aquele com “pauta fria”. É claro que, com a opção de “transmitir evento ao vivo”, como o próprio YouTube faz, é possível que jornalistas digitais utilizem essa plataforma para fazer coberturas incríveis. Inclusive, o Brasil tem ganhado muita notoriedade no YouTube, com produtores de conteúdo para todos os segmentos e públicos.

### E a relação entre YouTube e educação, como você vê?

O mercado de produção de conhecimento, cursos e palestras não sobrevive mais se não estiver associado à produção de vídeos e conteúdo para o YouTube. Inclusive, muitas instituições têm oferecido conteúdo parcial na rede e atraído estudantes para seus produtos educacionais. No entanto, é preciso ter cuidado. Tanto no YouTube quanto na rede há conteúdo de sobra. É preciso filtrar o que se consome e tentar buscar informações de fontes e canais oficiais.



# A SABEDORIA DE DOIS MESTRES GENIAIS



## TOMÁS DE AQUINO E PAULO FREIRE

Pioneiros da inteligência, mestres geniais da educação nas viradas da história  
*Frei Carlos Josaphat*

Seria oportuno, ou mesmo viável, confrontar Tomás de Aquino, frade dominicano do século XIII, e Paulo Freire, mestre e filósofo de nossos dias? Este livro aposta que sim, analisando como dois gênios, atentos aos diferentes momentos históricos, souberam enfrentar os problemas fundamentais da inteligência, do estudo, da cultura, da linguagem e da consciência. Fundamental para estudantes e interessados em Filosofia e nas Ciências Humanas.

**PAULUS,**  
dá gosto de ler!

**paulus.com.br**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
[vendas@paulus.com.br](mailto:vendas@paulus.com.br)

  
PAULUS

# Ética e acomodação

## ACOVARDADA



Divulgação

Há uma fratura ética no nosso cotidiano que é a acomodação. Isto é, a percepção de que as coisas são como são. Não por serem do melhor modo, mas porque, do modo como são, não demandam esforço. A postura do “não mexa, é melhor assim” é muito marcante. O que justifica essa condição acomodada? O hábito. E o que é o hábito? É aquilo que, feito de maneira repetitiva, ganha função de norma. Em vez de ser uma possibilidade, torna-se um imperativo.

O escritor norte-americano Mark Twain (1835-1910) dizia que “hábitos não são coisas que se jogam pela janela; você tem de pegar e empurrar pela escada, degrau por degrau”. Isso vale para hábito alimentar, de estudo, de sono, de leitura... Para se desvencilhar de um mau hábito ou para adquirir bons hábitos, é preciso um esforço intenso.

Qual é o fundamento do mau hábito? A passividade e o repouso que ele oferece. Fazer do mesmo modo, acreditando que aquele é o único modo de ser feito, me oferece tranquilidade para continuar fazendo do mesmo jeito. Esse nível de repetitividade acalma, mas pode gerar passividade e, portanto, ausência de vitalidade.

O teólogo Erasmo de Roterdã (1466-1536), em sua obra *Colóquios*, escreveu: “Não há nada de tão absurdo que o hábito não torne aceitável”. Ele chama a atenção para o poder do hábito de configurar uma regra. Quando o hábito vira regra, ele perde a natureza de ser um dos modos de fazer para ser uma conduta contínua.

A frase “com o tempo você se acostuma” expressa um modo de fazer que se instalou e se tornou regra. Isso está presente no nosso dia a dia.

Paga-se IPVA e paga-se pedágio. Pagam-se o INSS e o seguro de saúde privado. Toma-se algo como normal. Não se deve tomar aquilo que é comum como normal. Isso é comum, não é normal. Normal é estar na norma, e normal seria o contrário. Pela norma, eu não poderia ser bitributado. Ter dois pagamentos para a mesma atividade configura desperdício. Isso seria a norma. Mas nós entendemos que aquilo que seria comum seja entendido como normal. É normal colar, é normal professor desconsiderar um risco de perturbação do ambiente, é normal a família não participar das reuniões, é normal haver gozação em sala de aula. Isso é comum, não é normal. Ao se tornar um hábito, ele precisa ser impedido; é preciso recusá-lo.

Quase sempre é muito difícil identificar a origem de um hábito. Quando se pergunta:

– Por que você faz assim?

– Ah, porque eu sempre fiz assim.

É aquela clássica história do chefe da estação de trem que todos os dias pegava o martelinho de borracha e ia batendo, uma por uma, nas rodas do trem. Um dia lhe perguntaram qual a finalidade daquele procedimento. Ele



respondeu: “Não sei, quando cheguei falaram que o funcionário que estava antes fazia e eu continuei fazendo”. A transformação daquilo que é comum em normal traz uma obscenidade nesse processo, acima de tudo porque é uma rendição a um hábito. “Com o tempo você se acostuma.” E a palavra “acostumar” tem dentro dela costume.

Nós nos distraímos no cotidiano. Com relação a algumas coisas, nos distraímos há mais tempo, ao desconsiderarmos várias fraturas e apodrecimentos éticos, que acabaram fazendo parte da convivência. Com relação à escola, nos habituamos a várias situações: a família não participa, o aluno rebelde é colocado para fora da sala, o professor faz o trabalho do seu próprio jeito, em vez de organizá-lo coletivamente...

Quando alguém propõe alguma ação fora da “ordem”, sempre um colega fala: “Fica na sua, com o tempo você se acostuma. Isso não é problema seu”. Nós temos de substituir o “isso não é problema meu” e o “isso não é problema seu” pela ideia de “isso é problema nosso”. Porque a frase “isso não é problema seu” não faz com que ele deixe de ser um problema. A mudança da propriedade de um problema e da responsabilidade não anula o problema. Mesmo que eu diga “isso não é problema meu”, essa fala não faz o problema desaparecer. Apenas diz que eu não estou assumindo a solução. Mas eu tenho de assumir a solução, porque existe um problema e ele é nosso.

“Eu não moro na Amazônia, e daí que a árvore é derrubada?” Isso diz respeito ao futuro. “No futuro, eu não vou estar, então não é problema meu.” Eticamente é um problema meu, porque afeta outro humano.



A frase “você não vai mudar o mundo” é profundamente acomodante, porque você não vai mudar o mundo se continuar achando que ele não pode ser mudado. Mas, quando você se junta com outros que acham que dá para mudar, dá-se um passo adiante no intento de mudá-lo.

Não se trata de menosprezar o poder do indivíduo, pois ele é marcante na História. O indivíduo não pode tudo, mas pode alguma coisa. Há vários exemplos históricos do poder do indivíduo. Desde o clássico contemporâneo na Praça da Paz Celestial de Pequim, em 1989, em que uma única pessoa perturbou a ordem. Durante protestos contra o governo do país, um rapaz se postou na frente de um tanque de guerra em movimento. De identidade des-

conhecida, esse manifestante chegou a ser considerado pela revista norte-americana *Time* uma das personalidades mais influentes do século XX. Claro que, ele sendo visto pelo tanque, nada mudaria, mas, tendo sua imagem projetada para o mundo, o ato ganhou repercussão e força simbólica. O indivíduo não é o ponto de chegada, mas é o ponto de partida.

Quando a ativista norte-americana Rosa Parks (1913-2005), em 1955, decidiu não obedecer à norma escrita na plaquinha no ônibus para ceder lugar ao branco, era uma pessoa só. Mas ela foi decisiva na mudança dos direitos raciais nos Estados Unidos. O indivíduo por si nada faz, mas ele não é incapaz de fazer alguma coisa por iniciativa própria. A tentativa de demover o outro de fazer alguma coisa é mais uma recusa de ter de fazer algo do que de fato uma concepção. Quando alguém diz “Vamos fazer uma ceia de Natal na família”, o outro pensa: “Puxa, vou ter de me envolver, fazer coisas, comprar isso e aquilo, ficar até tarde lavando louça...”. Qual é a argumentação mais usual? “Ah, isso não dá certo. Na nossa família isso não acontece.” Essa omissão ativa se dá por intermédio de uma declaração de impossibilidade e, portanto, de inviabilidade.

O hábito transforma em regra aquilo que não deveria ser daquele modo.

E nós acabamos nos distraindo.

\*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S. *Educação, Convivência e Ética*. São Paulo: Cortez, 2015.

\*\*Filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012. É autor, entre outras obras, de *A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos* (Cortez) e *Educação, Escola e Docência: novos tempos, novas atitudes* (Cortez).

# Era uma vez...



A leitura é uma atividade permanente do ser humano, uma habilidade que surge cedo, instigada em suas várias formas. Portanto, é na escola que se desperta a paixão de ler. É de fundamental importância que as escolas trabalhem a leitura nas séries iniciais por meio de projetos, a fim de incentivar o gosto e o prazer de ler, de forma descompromissada e sem cobrança, de modo que aconteça a fruição.

Pensando nisso, o Instituto Educacional Victória Esther, escola de Parnamirim, no Rio Grande do Norte, percebeu que, com a aquisição de novas tecnologias por parte de seus alunos, o hábito da leitura passou a ser bem menos interessante. Por isso, após um período de observação feito pela coordenação, a equipe pedagógica lançou, em 2010, o Projeto “Ler é...”, buscando incentivar seus estudantes a voltar a atenção para o campo da leitura.

Nos primeiros anos do projeto, após a leitura dos livros propostos pelos professores, os alunos apresentavam o que haviam aprendido em forma de números de dança, recitais etc. Porém, no ano de 2016, na busca por novas ideias, surgiu, em meio a tantas sugestões, a montagem de uma peça. Ao ser repassada a ideia aos discentes, a agitação e expectativa fizeram-se presentes.

O passo seguinte a ser dado era decidir quais livros seriam utilizados na montagem do roteiro. Foi então, em parceria com a PAULUS Editora e com a ajuda das professoras polivalentes de cada série, que tivemos contato com títulos como *Vaso de Orquídeas*, *Uma Coisa Puxa a Outra*, *Histórias que se Escondem na Floresta*, *A Menina da Renda Vermelha*, *Pequeno Grande Coração* e o clássico *O Pequeno Príncipe*, obras que foram selecionadas para o fazer da história.



Após a leitura dos livros adotados do 1º ao 5º anos durante as aulas, finalmente o roteiro foi montado. Intitulada *Era uma Vez...*, a peça trouxe em seu enredo a personagem Elise, uma menina amante de literatura que se vê em um cenário cada vez mais modernizado e tecnológico. De acordo com o texto, na falta de amigos que compartilhem de seu gosto pela leitura, ela deseja que os personagens, outrora vistos nas páginas dos seus livros, sejam reais. E aí seu desejo se realiza. Ato após ato da peça, Elise depara com novos personagens que, por sua vez, a ajudam a propagar o amor pela leitura a outras pessoas.

“É de fundamental importância que as escolas trabalhem a leitura nas séries iniciais por meio de projetos, a fim de incentivar o gosto e o prazer de ler.”

Para a escolha do elenco, foram realizados testes com vários alunos da própria escola, inseridos nas séries do 1º ao 5º anos. Em meio a tantas falas e encenações, foram descobertos verdadeiros artistas. Buscando agregar o máximo de participantes, a peça ainda conta com números musicais e de dança. Além disso, os alunos que não fazem parte do elenco desempenham papéis na organização do espetáculo.

Quem assina a organização do projeto é a coordenadora Manoela Valença, em parceria com os professores Pedro Silva, Karla Costa, Samara Nascimento e Railma Laís, além da ex-aluna Emily Malvina, responsáveis pelos ensaios e montagem do espetáculo.

A próxima etapa do projeto *Era uma vez...*, desenvolvido no Instituto Educacional Victória Esther, é uma apresentação da peça de teatro que ocorrerá na própria escola.

\*Pedro Henrique Rodrigues da Silva é professor de Português do Instituto Educacional Victória Esther, em Parnamirim (RN).



Divulgação



# LIVRO DE IMAGEM: uma aventura a ser descoberta

**E**mbora não seja uma completa novidade, o livro de imagem vem ganhando notoriedade nos últimos anos no mercado editorial brasileiro e conquistado um público cada vez maior. Em contraposição ao livro que contém textos, o livro de imagem sofria certo preconceito e era até considerado de segunda classe; isso, porém, vem mudando, e tal mudança se deve a uma melhor compreensão que se tem do que é o livro de imagem.

O senso comum e a tradição nos dizem que um livro é composto por textos que podem ser mais longos ou mais curtos, mais simples ou complexos, ficcionais ou acadêmicos. Essa premissa vale também para os livros destinados aos públicos infantil e juvenil, ou seja, um livro para uma criança, adolescente ou jovem é dotado de textos. Contudo, como nada se encerra numa caixinha e permanece aí de forma imutável, no caso de livros para crianças e jovens foram acrescentadas ilustrações que tinham a função fundamental de tornar o texto mais atrativo para o leitor e reforçar alguns aspectos da própria narrativa. Mais adiante, as ilustrações ganhariam mais expressividade e, de certo modo, compartilhariam quase o mesmo status do texto. Mesmo que as ilustrações estejam ancoradas no texto e os ilustradores tenham conquistado mais liberdade criativa, a relevância ainda é do narrativo sobre a ilustração.

Um passo a mais, entretanto, foi dado: o surgimento do livro de imagem. Mas para que serve um livro de ima-

gem? – alguém poderia perguntar. Como se “lê” um livro de imagem? Seu autor é também um escritor? Tais perguntas podem parecer bobas, mas têm sua razão de ser. Não é o intuito deste artigo ser categórico nas respostas a tais perguntas, mas, sim, suscitar elementos para uma reflexão consistente acerca do livro de imagem.

Se não há palavras, outros aspectos ganham relevância para a narrativa, pois temos, de fato, uma narrativa *visual*. O autor do livro de imagem, ao conceber sua obra, elabora um plano que contempla, obviamente, uma narrativa completa, com começo, meio e fim. Não vale considerar que um livro de imagem seja uma obra totalmente aberta e que caiba a ela todo e qualquer tipo de interpretação. Certamente, teremos diante de um livro de imagem a possibilidade de abrir um leque maior de percepções acerca da narrativa que, com certeza, estará relacionada com o repertório do leitor.

Para além do enredo contido no projeto, outras dimensões ganham relevância para a obra de imagem e devem ser consideradas com cuidado e atenção. A fim de que cause o efeito desejado, o autor adotará um estilo de traço para composição de suas ilustrações; em geral, cada ilustrador é identificado por um conjunto de características; contudo, cada obra tem identidade e intencionalidade próprias. Com isso, observar os traços constitutivos de uma obra é fundamental para compreendê-la.



Outra dimensão que deve ser levada em conta é a escolha da paleta de cores e sua utilização nesse texto visual. Cores quentes, cores frias, tons pastéis, mescla de cores... tudo isso tem algo a dizer em favor da narrativa. As cores escolhidas pelo autor e a maneira como foram utilizadas não são aleatórias, mas intencionais. Elas têm um papel a cumprir na narrativa e, por isso, voltando ao que foi dito anteriormente, não é possível que haja todo e qualquer tipo de interpretação diante de uma obra. O próprio autor, por meio de sua criação visual, está dizendo algo que espera ser captado e compreendido.

A maneira como os espaços foram ocupados no projeto gráfico ao longo das páginas também é muito importante. Uma página em branco ou com o mínimo de ilustrações tem algo a dizer – da mesma forma que uma página com uma cena rebuscada e repleta de detalhes minuciosos. Se tudo tem um propósito num texto (escrito), o mesmo vale para o texto visual. É preciso, portanto, educar o olhar para que se aprenda e aprenda o que um livro de imagem tem a dizer.

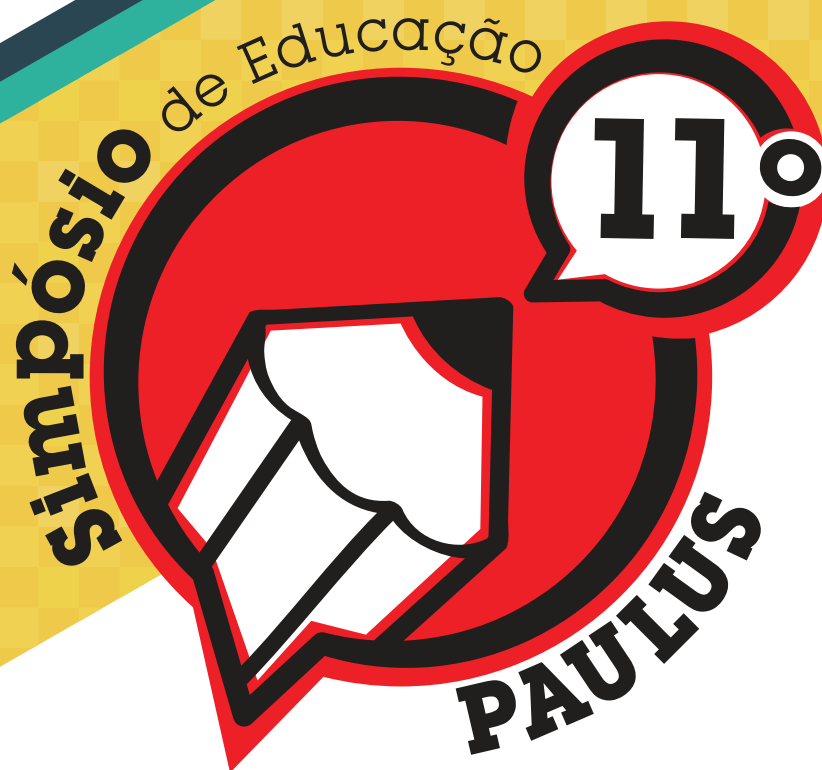
A quem se dirige um livro de imagem? Certamente, para responder a essa pergunta podemos nos servir dos critérios adotados para os livros dotados de texto. Noutras palavras, composições mais simples e elementares se voltarão para um público que está começando a ter contato com os primeiros rudimentos da aprendizagem; composições mais elaboradas e detalhadas se voltarão para um público com repertório mais vasto e consistente de informações e conhecimento. Considerando aqui, de modo grosseiro, o processo educacional, o livro de imagem seria proposto para aqueles que são considerados pré-leitores; nesse caso, as ilustrações e a narrativa aí contidas ajudarão a criança a perceber e considerar o mundo a partir do encadeamento de ideias. Contudo, não podemos esquecer que, junto com o aspecto didático, uma obra literária, mesmo sem palavras, tem a função primordial de entreter e divertir.

Um livro de imagem pode se tornar grande fonte de imaginação, pois a cada vez que é tomado pode suscitar as mais diferentes narrativas. Nesse sentido, as histórias surgidas podem partir das próprias crianças, de seus pais, professores e adultos ligados a elas, ou ainda ser narrativas mescladas entre ambas. Com certeza, de acordo com o repertório de quem se aproxima de um livro de imagens, o resultado será bem diverso e surpreendente.

O mercado editorial dispõe de um bom número de livros de imagem com diversos formatos, acabamentos e graus de complexidade. São livros para todas as idades, não apenas para crianças. Na verdade, os adultos também têm se divertido e valorizado os livros de imagem. Entre as publicações da PAULUS, há também os livros de imagem que encantam por sua qualidade editorial e artística. Merece destaque o livro *Foi assim que me contaram*, do autor Adalberto Cornavaca. Ele faz parte do Catálogo FNLIJ para a Feira de Bolonha 2016 e atualiza aquela máxima, “quem conta um conto aumenta um ponto”. Vale a pena conferir essa obra e outras do catálogo da PAULUS. Aventure-se nesse universo em que a imagem comunica e tem muito a dizer.

\*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: [infantojuvenil@paulus.com.br](mailto:infantojuvenil@paulus.com.br)





# Encontro, reciclagem e atualização

Em mais uma edição, o **Simpósio de Educação PAULUS** coloca em pauta afetividade, pluralidade e a importância da leitura no ensino

Mais uma vez a PAULUS reforçou o seu compromisso com a atualização e reciclagem do professor, no 11º Simpósio de Educação. O encontro aconteceu recentemente na Faculdade PAULUS de Comunicação (FAPCOM), na Vila Mariana, em São Paulo (SP).

O objetivo do evento é promover a troca de experiências e o debate em torno dos processos educativos e formação dos educadores. Na ocasião, a parte da manhã foi dividida em duas partes: uma palestra com especialista, seguida de uma mesa de debates entre escritores e professores.

## Pedagogia do encontro

A primeira parte do evento foi conduzida pelo professor, escritor, palestrante e diretor de instituições nacionais e internacionais de educação Elian Alabi Lucci. Além de autor de livros didáticos em todos os níveis de ensino, o palestrante é mestre em Educação pela FUNIBER de Barcelona, vice-presidente do Conselho Acadêmico e Editorial do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista e diretor da ARVO Comunicación da Universidade de Salamanca, Espanha. Também foi diretor das Faculdades de Economia,





Administração, Ciências Contábeis e Comunicação na Universidade de Mogi das Cruzes, diretor da Pós-graduação em História, Geografia e Turismo nas Faculdades Dom Bosco de Monte Aprazível e produtor do programa *Tribuna Independente*, às sextas-feiras, na Rede Vida de Televisão. Em 2015, ministrou mais de trezentas palestras para secretários de Educação, prefeitos e demais autoridades, bem como para pais de alunos e alunos em todo o Brasil.

No Simpósio, Elian abordou o tema Pedagogia do encontro, em explanação animada por músicas, vídeos e poemas. O palestrante revelou a honra de participar do evento e iniciou sua apresentação questionando a realidade do mundo pós-século XX, relembando guerras, conflitos e mudanças ocorridas na sociedade. Entre elas, destacou a correria das pessoas na batalha de todos os dias, especialmente como causa da falta de tempo e da exclusão do diálogo na família.

O tema Pedagogia do Encontro refere-se ao pensamento de Alfonso López Quintás, frade, pedagogo espanhol, doutor em Filosofia, professor e membro da Real Academia Espanhola de Ciências Morais e Política. Suas obras enfocam temas como ética, educação e formação de lideranças sociais. Também se preocupam em contribuir para que seus participantes descubram, pela própria experiência, a grandeza que a vida se torna quando as pessoas são instruídas pela cultura do encontro, pontos que guiaram o palestrante.

Elían explicou que a pedagogia do encontro, na verdade, trata de amor, de afetividade. “A educação é uma das mais importantes formas de encontro entre pessoas que participam do ato de educar”, lembrou. O professor ainda lembrou que atualmente a escola trabalha para educar

uma nova geração, feita por diferentes alunos. Nesse contexto, abordou a capacidade de saber, ou aprender a ouvir o outro. “Hoje em dia todos queremos falar e ninguém mais sabe ouvir. Sempre deparamos com cursos de oratória, para aprender a falar, mas nunca vemos um curso para aprender a ouvir”, brincou, então completou, citando o monge beneditino alemão Anselm Grün: “O encontro só tem êxito quando tomamos tempo para ouvir a outra pessoa”.

Além de saber ouvir, a educação do olhar também é considerada um pré-requisito para a pedagogia do encontro, pois o processo exige que se enxergue de verdade. “Uma das coisas que mais me entristecem é quando uma emissora de TV, por exemplo, passa a enxergar as pessoas apenas como compradoras de produtos”, afirmou Elían. Isso porque, segundo ele, o marketing cria a necessidade para que o indivíduo compre produtos via meios de comunicação. O palestrante citou que existe uma mentalidade colaboradora para produzir um crescente comportamento individualista e globalizado, gerado principalmente pelos meios de comunicação.

De acordo com o palestrante, hoje a escola precisa ensinar seu aluno a viver nesse mundo diferente e com mudanças velozes. “Vivemos distantes da verdade. As pessoas estão individualistas. Olhando pelo viés da filosofia, temos um ser possível que está ficando impossível. A escola deve ser a formadora de outro ser humano, dentro dos valores autênticos que muitas vezes estão esquecidos”, contou Elían. Ele ainda citou o *Samba da Bênção* (escrito por Vinícius de Moraes) em suas palestras, enfatizando os primeiros versos: “É melhor ser alegre que ser triste, / A alegria é a melhor coisa que existe”.

## É o amor...

Os desencontros na família também foram indicados na palestra como fatores que refletem na escola. Com boa parte dos pais separados, muitas crianças ficam carentes, sem afeto, sem amor, caminhando para o aumento da violência e do *bullying*.

A pedagogia do encontro, que considera também os sentimentos, caminha pela trilha do amor. “Os pais, hoje, compram coisas para os filhos para compensar a afetividade, que seria uma tarefa deles, mas muitas vezes se dispersa. Esse aluno precisa ser consertado. Vivemos uma crise de valores éticos, morais e individuais. Por isso digo que a educação é amor. A base da pedagogia do encontro é a afetividade do amor verdadeiro e da diversidade”, contou Elian.

O amor é apontado como a arma contra os ressentimentos, desavenças e a mentira. Por isso, Elian acredita que na escola é preciso acolher os alunos, fazê-los refletir, ver, ouvir e pensar por conta própria, sem a influência dos meios de comunicação, que de certa forma deixam as pessoas alienadas. “É preciso ‘consertar’ a sociedade, começando pelos pequenos, com a educação voltada para a afetividade e o amor”, apontou Elian.

A pedagogia do encontro também prevê a troca de experiências reversíveis entre pessoas mais velhas e jovens, com o objetivo de alargar a teia de relacionamentos.

O encontro também é importante a partir da sala de aula e da educação, porque muitas vezes o aluno só tem experiências que são frutos de sistemas virtuais, pautados pelas mídias, que ditam a moda e o comportamento. “O encontro é um caminho para que o jovem volte a ter um ideal”, sinaliza Elian.

## Conversa sobre histórias e livros

O 11º Simpósio de Educação PAULUS também contou com uma animada mesa de debates que discutiu um tema de grande relevância: Literatura infantil e juvenil – Gêneros, leitura e ensino. Para mediá-la, foi convidado o professor José Nicolau Gregorin. A mesa trouxe os autores da PAULUS Editora Adalberto Cornavaca, Lenice Gomes, Manuel Filho e Marco Haurélio.

Autor do livro *Foi assim que me contaram*, obra selecionada para o catálogo da Feira de Bolonha 2016, Cornavaca enfatizou a importância de um livro como o seu, que apresenta somente imagens. “É o tipo da obra que reforça a criatividade e a imaginação. Por conta disso, os alunos se sentem também autores dessa obra”, lembrou.

Manuel Filho citou clássicos do teatro e comentou também sobre histórias universais. “Leia uma peça ou vá ao teatro, porque o teatro é uma escrita muito boa, que precisa mostrar uma situação rapidamente. Nos grandes clássicos o texto é tão bom que até se sustenta como literatura”, destacou.

A escritora Lenice Gomes fez um passeio pelo auditório enquanto falava, animando a plateia. “Nós somos seres lúdicos e o brincar está dentro da gente. As palavras têm um compromisso com o oral e sempre devem ser ditas”, sinalizou ela, entoando cantigas, provérbios e a linguagem oral.

Para Marco Haurélio, existe sempre a história por trás da história. O autor lembrou dos cordéis de família e da sua importância. “Minha avó contava alguns contos folclóricos e o nascimento de Jesus. Sua narrativa demorava mais de uma hora”, lembrou, salientando a importância da oralidade e a história.





De acordo com Gregorin, o encontro apresentou grande riqueza de saberes, em que cada autor levou a arte da palavra a seu modo. “A arte é a essência da humanidade e, se você traz a literatura, a vida fica muito melhor”, concluiu.

Para Sirlei Aparecida de Freitas, coordenadora pedagógica do Colégio Saber de Santo André (SP), o simpósio funciona como um alimento para a alma. “O evento sempre traz coisas boas. A partir de uma reflexão profunda, que pode ser provocada pelo evento, existe o desafio de refletir, fazer diferente e mudar a realidade”.

## Workshops

Na parte da tarde aconteceram os workshops, com os seguintes temas e facilitadores:

### A atração filosófica começa com o mito

Cristina de Souza Agostini

### A espiritualidade do educador

Elza Pacheco

### Momento de decisão: a escolha profissional

Maria Elci Spaccaquerche Barbosa

### A instituição cultural secreta na sua escola: a biblioteca escolar

Nádia Hommerding

### Educação cognitiva e habilidades sociais: regras, limites e autonomia

Domitila Miranda

### O ofício do lúdico e poético do contador de histórias

Lenice Gomes

## Participantes da mesa de debates

### Mediador:



#### Prof. José Nicolau Gregorin

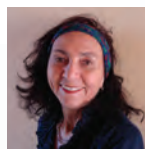
Graduado em Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá (1987). Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1996) e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002). Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Infantil. Atua nas áreas de literatura infantil, estudos comparados de literatura, leitura, cultura e sociedade.

### Convidados:



#### Adalberto Cornavaca

Designer, ilustrador e autor de livros para crianças, começou sua carreira em agências de publicidade de São Paulo e Buenos Aires. Foi Diretor de Arte na Editora Abril durante 30 anos, onde ganhou três vezes o Prêmio Abril de Jornalismo. Ilustrou obras de grandes autores, como Ruth Rocha, Tatiana Belinky, Elias José, entre outros. Autor e ilustrador de seus próprios livros, já tem três obras publicadas e mais três sairão até o final de 2016. Convidado a falar de seu trabalho em várias escolas, diz que esse espaço é o lugar certo para conhecer melhor seus leitores e ajustar o foco das próximas obras. O livro “Foi assim que me contaram”, de sua autoria, foi selecionado para o catálogo da Feira de Bolonha de 2016.



#### Lenice Gomes

Escritora, pesquisadora da tradição oral e contadora de histórias. cursou Licenciatura em História (UNICAP) e se especializou em Literatura Infantil e Juvenil (FAFIRE). Curadora da Cia. Palavras Andarilhas/PE e do projeto “Noites de Histórias”, realizado mensalmente no Teatro Joaquim Cardozo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem vários livros publicados, e alguns deles ganharam o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Foi finalista do Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL). Viaja pelo país todo, sempre reinventando em oficinas, cursos e palestras. Pela PAULUS, lançou “Os viajantes e o sonhador”, em 2014, e “Carolina”, em 2015.



#### Manuel Filho

Escritor, agraciado com o prêmio Jabuti 2008, possui mais de 40 livros publicados por diversas editoras. Pela PAULUS, publicou a peça de teatro “O Príncipe Sapo”. Seu livro, “O sumiço da lua”, integrou o catálogo da Feira do Livro Infantil de Bologna-2015 e seu livro “Sensor, o game”, fez parte do catálogo oficial da CBL (Câmara Brasileira do Livro) na Feira do Livro em Frankfurt, 2013. Já recebeu, por cinco vezes, o selo de Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ. A Fundação Dorina Nowill lançou em 2012 a primeira obra em braille do autor, “Agora é comigo”, durante a 22ª Bienal do Livro de São Paulo e, em 2015, “João e o pé de feijão”. Além disso, também é cantor e teve o seu primeiro CD, “Tempo”, lançado no Brasil e em Portugal. Trabalha ainda como ator e já participou de grandes espetáculos teatrais como “Os Lusíadas”, “O mágico de Oz” e “A luta secreta de Maria da Encarnação”, último espetáculo escrito por Gianfrancesco Guarnieri. Escreveu para revistas, televisão e rádio.



#### Marco Haurélio

Formado em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Escritor, editor e folclorista, tem vários livros publicados, entre os quais os infantis “A lenda do Saci-Pererê”, “Traquinagens de João Grilo” (ambos pela PAULUS), além de outros títulos por outras editoras. Pesquisador das tradições populares, empreende, desde 2005, um trabalho de coleta, classificação e catalogação das manifestações da cultura espontânea. Desse trabalho nasceram alguns livros de contos populares, a exemplo de “Contos folclóricos brasileiros” (PAULUS). Pela mesma editora, lançou “Literatura de cordel – Do sertão à sala de aula” e “A canção do Tio Dito”. Atualmente, presta consultoria no campo da cultura popular e da literatura de cordel para a telenovela *Velho Chico* (TV Globo), de Benedito Ruy Barbosa e Edmara Barbosa.



# EDUCAÇÃO

## para a pluralidade



Cleane Santos/Divulgação

No tempo em que vivemos, palavras como pluralidade, convivência, tolerância, diversidade em geral despertam bons sentimentos nas pessoas. Se alguém quer parecer agradável e politicamente correto, uma dessas palavras é ótimo componente em qualquer discurso formal ou conversa no bar da esquina.

Na prática, porém, fazer acontecer as coisas a que essas palavras remetem é bem mais difícil do que articulá-las em sentenças racionais. Pluralidade soa mais agradável quando estou a reivindicar o meu direito de expressão. Quando alguém com posição contrária à minha se manifesta, a antes bela pluralidade toma feições de ameaça, desordem, incompreensão, violação. Para ser “plural”, preciso ce-

der o espaço que por alguma razão eu julgava meu. Soa estranho alguém pedindo tolerância aos berros, ainda que seja justificável em certas situações.

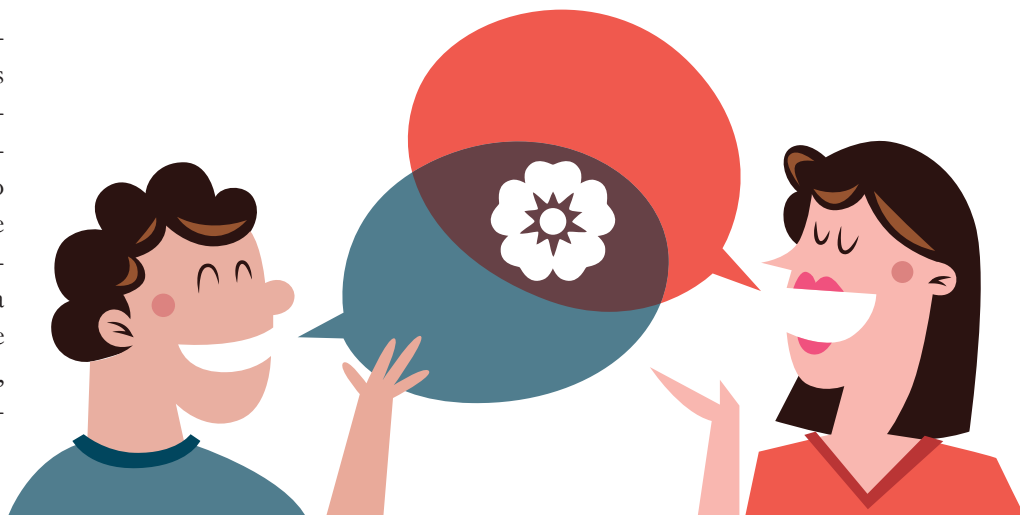
Para falar de flores, a espécie “pluralidade” é daquelas que pode brotar em qualquer terreno, mas não por geração espontânea. O cultivo é necessário. É preciso adubar paciente-mente, tentar uma vez, depois outra e mais outra ainda. E o florescer, pode ser que quem aduba não o alcance. O viço de alguma frágil flor da convivência plural que temos a graça de ter diante dos olhos muito provavelmente foi preparado por alguém que já não pode contemplá-lo. O belo colorido, agora visto, um dia foi somente um sonho que parecia sem lugar no sistema de coisas de então.

Na prática, a flor da pluralidade tem seus espinhos. Pode acontecer que, entre os muitos diferentes admitidos no convívio, haja quem seja

contra a pluralidade. Se os partidários radicais da pluralidade quiserem dar voz a ele, talvez minem a organização em que acreditam. Mas, se não derem, estarão sendo contraditórios... Por isso, convivência plural exige jogo de cintura, espaço para negociação em vez de regras rígidas. O excesso de cuidado para com a flor pode sufocá-la, mas a falta de cuidado é também letal.

A convivência plural é benéfica. Requer persistência. Um pequeno exercício de convivência plural é silenciar para ouvir. Deveria haver nas escolas alguma aula assim: como escutar. Sei que há muitos cursos para falar bem, expressar-se com desenvoltura, mas não conheço curso para ajudar a ouvir bem. Talvez nem precise, pois a lição toda consiste em silenciar.

\*Claudiano Avelino dos Santos (filosofia@paulus.com.br) é mestre em Filosofia pela PUC-SP e Diretor Editorial da PAULUS.





# Uma criança gentil

Um livro sobre o que você  
e a sua bondade podem fazer!



## Especial Formação de **Professor**





## Uma criança gentil

*Um livro sobre o que você e a sua bondade podem fazer!*

Autor: Michaelene Mundy

Ilustrações: R. W. Alley

Elaboração do Projeto: Beatriz Tavares de Souza

\*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

## Apresentação

O livro é um guia para que as crianças sejam mais gentis. Além de abordar temas relacionados ao trato com as pessoas no meio social ou familiar, estimula a espiritualidade, ensinando o leitor a amar a Deus e todas as coisas criadas por Ele.

## Justificativa

A obra chama as crianças para, com gestos concretos e mudanças de comportamento, transformar o mundo, distribuindo solidariedade e gentileza.

## Projeto pedagógico

Como compreender a vida e transformar o mundo a partir da diversidade cultural e dos relacionamentos.

## Temas secundários

Sentimentos, emoções, princípios de fé e esperança.

## Áreas de conhecimento

Psicologia, Ensino Religioso, Filosofia, Arte e Língua Portuguesa.

## Temas transversais

Ética, Pluralidade Cultural, Saúde e Meio Ambiente.

## Indicação

Ciclo 1: Indicado para alunos do 2º ao 5º anos.

## Objetivos

Levar o aluno a desenvolver habilidades de leitura e escrita. Pela leitura, mostrar o princípio para se posicionar em debates, em situações criadas para reflexões e em questionamentos sobre o tema abordado.

Ajudar os alunos a explorar os conhecimentos linguísticos e o valor da linguagem, para que desenvolvam conhecimentos interdisciplinares de trabalhos de pesquisa sob orientação pedagógica.



## Antes da leitura

Aplicar as informações do texto a uma situação extratexto: pesquise sobre o tema para ampliar e/ou confrontar as informações dadas pela autora. Sugerimos relacionar o tema abordado a outras publicações sobre o mesmo assunto. Exemplo: selecione e mostre aos alunos notícias ou artigos de jornal que relatem episódios envolvendo questões de falta de tolerância e gentileza.

Converse sobre o que poderia levar as pessoas a perder a paciência no trânsito ou em casa. O que motivaria alguém a provocar discussões, brigas, agressões? Seriam fatores como o excesso de trabalho, o estresse? Mostre imagens ou notícias que retratem a falta de gentileza entre as pessoas na sociedade (acidentes ou até mesmo tragédias causados pela intolerância).

Organize os alunos em um ambiente propício para discussões. Apresente o livro falando sobre a coleção Terapia Infantil, da PAULUS, cujos livros abordam temas direcionados ao aconselhamento para ajudar na formação do caráter humano. Cite alguns autores dessas obras, destacando, sobretudo, o livro *Uma criança gentil – Um livro sobre o que você e a sua bondade podem fazer!*, de autoria de Michaelene Mundy e ilustrações de R. W. Alley. Elabore com os alunos hipóteses sobre o título da obra. Leia-o e pergunte: “Como vocês imaginam que seja uma criança boa e gentil?”.

Lance algumas questões para debate:

1. Em sua opinião, é fácil ser gentil com as pessoas?
2. Sou capaz de retribuir um sorriso ou uma gentileza?
3. De que modo posso me tornar uma pessoa gentil?
4. Você conhece, de fato, as pessoas com quem convive?
5. Você sabe o significado da palavra “tolerância”?
6. Você é tolerante com as pessoas?
7. Você é gentil consigo mesmo?

## Iniciando a leitura

Monitore o processo de leitura, levantando com os alunos os conhecimentos textuais e linguísticos e os conhecimentos de mundo que eles têm.

Aprofunde a compreensão do texto na leitura compartilhada, sob interação professor-aluno. Propomos usar alguns dos episódios citados abaixo – extraídos do livro –, relacionando-os com nossos comportamentos no meio social:

- a. Você é carinhoso com seus pais/irmãos?
- b. Partilha brinquedos com alguém?
- c. Já sorriu para alguém que estivesse fazendo algo bacana para você?
- d. Como ser solidário com as pessoas?
- e. Como ser gentil com os animais e o meio ambiente?



Ajude os alunos a descobrir o resultado de ser gentil ou amável com as pessoas, bem como de zelar e valorizar as coisas que os cercam.

- Explique que não se deve jogar lixo no chão, mesmo que seja um simples papel de bala.
- Explique que devemos respeitar os direitos das pessoas. Por mais que algumas não se importem em conviver com a sujeira, outras não a apreciam.
- Explique que todos têm o direito de ser tratados com educação, de ser bem atendidos pelo caixa da lanchonete, do banco, da farmácia etc.

## Mapeando o livro

- Observe os subtítulos “Às vezes é fácil ser gentil”, “Às vezes é difícil ser gentil”, “Sendo gentil com as pessoas que você já conhece” e assim por diante. A autora constrói os textos desses subtítulos sugerindo reflexões sobre o mundo ao nosso redor.
- A partir desses escritos, crie uma oportunidade para os alunos interpretarem qual seria a intenção da autora ao abordar esse assunto.
- Propomos que leve os alunos a refletir sobre as seguintes questões:

1. Atualmente, por que as pessoas deixaram de lado as boas maneiras?
2. Por que de repente deixaram de ser gentis?

## Atividades

### Compreensão de leitura

#### Sugerimos:

- a. Dividir a classe em 2 turmas: A e B.
- b. Dividir essas turmas em grupos.
- c. Fazer uma lista dos motivos que levariam a pessoa a ser gentil e o que a levaria a não ser gentil. Por exemplo, o que alguém sentiria:
  - Se visse o pai/mãe desempregado(a)?
  - Se fosse ao cinema com os amigos(as)?
  - Se recebesse carinho dos pais?
  - Se recebesse um elogio?
  - Se fosse obrigado(a) a mudar de casa ou de escola?
  - Se perdesse um animal de estimação?



- Se não aprendesse educação religiosa?
- Se recebesse a notícia de que vai ganhar um(a) irmãozinho(a)?
- Se fosse convidado(a) para ir ao aniversário de um amigo(a)?
- Se usasse algum tipo de droga?
- Se tivesse ido ao enterro de um amigo(a) ou de algum familiar?
- Se tivesse visto o pai ou a mãe triste?

**d.** Distribua essa lista para os grupos de cada turma.

**1.** Proponha que os grupos da turma A extraiam da lista distribuída os fatores que levariam as pessoas a ser gentis. Para os da turma B, proponha que elenquem os fatores que os levariam a não ser gentis.

**2.** Solicite aos alunos que selecionem trechos tirados do texto que evidenciem o tema gentileza (ou ser gentil). Por exemplo:

- Perdoar é um gesto de gentileza?
- Ser gentil com alguém é ser gentil com Deus?
- Como faço para conhecer Deus?
- Deus se importa comigo?
- O que você sente quando assiste, pelo noticiário da TV, aos acontecimentos no mundo? Repudia as coisas ruins? Sente-se pouco importante?

De acordo com a autora, nós podemos ser gentis com o mundo. A partir dessa reflexão, proponha aos grupos que criem um texto, jogos para compor poesia, crônicas etc. Outras sugestões:

- Um relato sobre uma atitude gentil de um(a) amigo(a).
- Um texto relatando uma falta de gentileza de um(a) amigo(a).
- Uma história em quadrinhos ou um desenho com personagens gentis.
- Qual o meu comportamento em relação à natureza, aos animais.

Depois, apresente as produções para a classe ou para escola, afixando-as em murais, cartazes, produzindo folhetos etc.





## Exercitando a Gramática

1. Faça uma relação de substantivos e outra de adjetivos encontrados no texto abaixo:

- “Quando o dia está bonito e você não está faminto nem aborrecido nem chateado com algo em particular, é fácil ser gentil e carinhoso com aqueles que estão a sua volta.”

Substantivos

Adjetivos

2. Forme o feminino de:

- Bonito \_\_\_\_\_; carinhoso; \_\_\_\_\_; chateado \_\_\_\_\_; todos \_\_\_\_\_; eles \_\_\_\_\_; generoso \_\_\_\_\_; amigo \_\_\_\_\_; inimigos \_\_\_\_\_; bons \_\_\_\_\_; pianista \_\_\_\_\_.

3. Passe para o masculino:

- “Sua irmã talvez seja uma excelente pianista, mas às vezes ela toca muito alto quando você está assistindo à TV ou lendo um livro.”

---

---

4. Passe para o singular:

- “No entanto, todas as pessoas do mundo pertencem a uma única grande família... a família de Deus. É bom CONHECER o outro, mesmo que isso signifique apenas ouvir sobre outros lugares e as pessoas que vivem lá e em que elas são parecidas ou diferentes de você.”

---

---

---

---

5. Qual o aumentativo de:

- Amigo \_\_\_\_\_; bonito \_\_\_\_\_; tonto \_\_\_\_\_; tempo \_\_\_\_\_.

6. Qual o diminutivo de:

- Sabido \_\_\_\_\_; bobo \_\_\_\_\_; estúpido \_\_\_\_\_; atencioso \_\_\_\_\_.



7. Sublinhe os artigos definidos e marque com uma cruz os indefinidos:

- “Um sábio disse uma vez: ‘Melhor gostar de si mesmo, porque essa é a pessoa com quem você passa a maior parte do tempo!’ Isso é verdade!”

8. Quais são os sujeitos das orações?

- “Você verá o quanto somos parecidos em muitas questões, e que as diferenças podem ser boas.”

9. Sublinhe o predicado:

- “Você pode cuidar do mundo inteiro com uma ação de gentileza de cada vez.”

### Um assunto leva ao outro:

Organize os alunos e propicie uma conversa sobre a experiência de ter sido solidário(a) ou gentil com alguém.

1. Em que ocasião você foi gentil?

a. Todos os dias? \_\_\_\_\_

b. Nos finais de semana? \_\_\_\_\_

c. Andando pelo parque, pela praia ou pela rua, você já viu algo cair do bolso (ou da bolsa) de uma pessoa? Sim? \_\_\_\_\_ Não? \_\_\_\_\_. Se a resposta for sim, qual foi a sua atitude? \_\_\_\_\_

d. Já encontrou algum animal de estimação vagando pelas ruas? Sim? \_\_\_\_\_ Não? \_\_\_\_\_. Se a resposta foi sim, o que você fez com o animal? Levou-o consigo para casa? Procurou se informar se o bichinho seria de alguém residente nas proximidades? \_\_\_\_\_. Falou com seus pais para procurar um abrigo ou instituição para animais sem dono? \_\_\_\_\_

e. Você pensou em visitar um(a) amigo(a) quando ele(a) esteve doente? \_\_\_\_\_

- Descreva como foi essa experiência.

---

---

### Desafio

De acordo com a autora, nunca é demais ser gentil com as pessoas. Cada um de nós é chamado a colaborar na construção de um mundo melhor. Como? Escolha uma notícia de jornal ou revista que fale sobre os danos causados pela falta de gentileza e reescreva-a, “entrando” na história e propondo um final feliz. Sugerimos que exponha para a classe o texto, que pode ser desenvolvido por meio de narrativa, poesia, desenho, história em quadrinhos etc. Sugestões para avaliação: participação nas atividades e atendimento às propostas de trabalho (individuais ou em grupos).

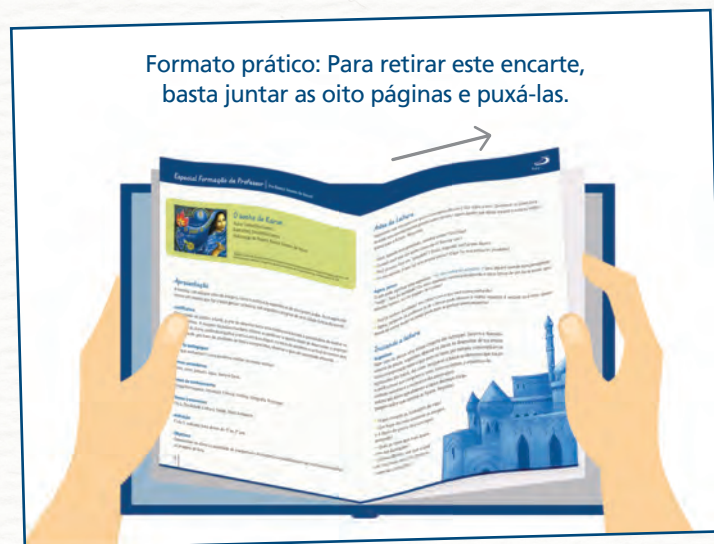
Ressaltamos que as atividades aqui propostas têm por objetivo cooperar com o trabalho do professor, oferecendo subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Uma criança gentil – Um livro sobre o que você e a sua bondade podem fazer!*, da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.



# Projeto Pedagógico

encartado junto com a revista | Edição 67

## Páginas *Abertas*



Conheça outros projetos pedagógicos no site: [paulus.com.br](http://paulus.com.br)

# Lázaro e o cachorro Piaba



Divulgação



Ninguém dava nada por Lázaro. Nem um olhar de pena. Todos fugiam os olhos diante da desfigura daquela pobre criatura. Um trapo ambulante. Lázaro havia tempos não se sentia em casa no mundo. Perdera tudo. Não se sabe como. Nem quando, nem onde.

Seu mundo, um abismo. Ou um contínuo de uma noite que nunca tivera dia, ou de um dia que nunca tivera noite. Na verdade, sentia-se um desmundo, vagante, rua acima, rua abaixo.

Nem chinelo tinha. Os calcanhares eram feito pedras das ruas antigas da cidade de escravos. Carne aberta, cicatrizados com o tempo e imunizados pela bondade da natureza, pela dureza da rocha áspera.

Ninguém nunca se interessou por Lázaro. Quando lhe davam esmolas, viravam-lhe o rosto. Nos semáforos, fechavam-lhe os vidros. Tudo frio: olhos humanos vidrados, carros blindados. Mas o coração de Lázaro batia. Sentia calor, frio, dor. Alegria, não. Ah, uma pontinha de alegria havia. Sua pequena alegria era a companhia do amigo inseparável, o cachorrinho Piaba.

Piaba, Piabinha ou somente Binha, como costumava ser chamado por Lázaro, era o único que lhe dava atenção. Nunca sentira nojo do amigo; até lhe lambia as feridas. Conheceram-se na rua. Amizade fruto de duas solidões. Ambos sem nada para oferecer um ao outro. Nem casa, nem comida, nem bebida. Uma coisa bastava: companhia. Fosse noite, fosse dia. Chuva, sol, fome, calor ou frio.

Antes de encontrar Lázaro, Binha era tratado pelos humanos por vira-lata vagabundo, cachorro fedorento, pulguento e tantos outros desnomes. Chutavam-no, sem que ele reagisse nem tivesse feito coisa alguma. Apenas grunhia. Tadinho! Agora não; tem nome. Ele se abana de alegria só em ser chamado pelo nome.

Desde quando se encontraram, podem dormir quase em paz. Um ao lado do outro. Enquanto a cidade se agita, a avenida em vai e vem, Lázaro e Binha repousam sobre um papelão, ao lado de uma

agência bancária. Cobertor curto, pés à mostra. Ninguém os vê, mesmo. Lázaro e Binha são invisíveis.

Os humanos têm imagens muito mais atraentes logo ali, na avenida símbolo da ostentação: vitrinas, grifes de alto nível, lojas exalando outros cheiros. Vão lá perder tempo com mendigo e com cachorro?! Vão, nada.

Lázaro e Binha parecem ver mais. Ficam impressionados com como há gente de mau humor, caras fechadas, infelizes! Ambos calados, ali no canto da rua, com olhar meio para baixo, veem os humanos em disparada, sendo consumidos, engolidos pelas imagens...

\*Antonio Iraldo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré: porta-voz de um povo* pela PAULUS. E-mail: iraildo@paulus.com.br





# QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER...

**Memorial da Resistência de São Paulo** preserva a memória das pessoas que lutaram pela democracia e pelo fim da repressão política

Localizado na área central da cidade de São Paulo, no bairro da Luz, e, desde 2004, sede da Estação Pinacoteca, o Memorial da Resistência de São Paulo é um espaço museológico que nasceu em 2008. Foi fundado para preservar as memórias da resistência às violências perpetradas pelo regime militar (de 1964 a 1985), a partir da musealização de parte do espaço prisional do antigo edifício-sede do DEOPS/SP (Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo).

Foi nesse prédio que inúmeras vítimas da perseguição ditatorial foram presas e torturadas, em consequência da ação exacerbada de vigilância e controle desenvolvida por diferentes órgãos de repressão espalhados pelo Brasil – entre eles, o DEOPS/SP. De acordo com os registros, muitos presos políticos do período permanecem até hoje desaparecidos.

Para contar essa história de luta em defesa dos Direitos Humanos, o Programa de Exposição do Memorial conta com dois segmentos principais. O primeiro é uma mostra de longa duração voltada para o histórico do edifício, que contempla desde a sua estrutura física até os desdobramentos de controle, repressão e resistência, que mais tarde foram reconstituídos pelos ex-presos políticos. O local, antigo espaço carcerário do DEOPS/SP que preserva as celas

tais como eram à época da ditadura, reconta as histórias de homens e mulheres que lutaram pela democracia e pela liberdade de expressão. O segundo segmento é constituído de exposições temporárias, de curta duração, que trazem argumentos extraídos das exposições de longa duração.

As principais atividades oferecidas pelo memorial são as visitas mediadas por educadores, que trabalham com eixos temáticos. De acordo com Aureli Alves de Alcântara, especialista em museologia e coordenadora do programa Ação Educativa do Memorial, o edifício que hoje abriga a Estação Pinacoteca e o Memorial da Resistência carrega muitas histórias e significados.

## Reconstituindo a História

O edifício foi projetado entre 1851 e 1928, pelo escritório de Ramos de Azevedo, e inaugurado em 1914 para abrigar os escritórios e armazéns da Companhia Estrada de Ferro Sorocabana, que ocupou o prédio até 1938.

Após várias reformas, passou a sediar diversas delegacias vinculadas ao DEOPS/SP, de 1940 a 1983, até o órgão ser extinto e o edifício passar a ocupar a Delegacia de Defesa do Consumidor (DECON). Em 1997, com o processo de revitalização do centro da cidade, a gestão do prédio foi trans-

ferida da Secretaria de Justiça para a Secretaria da Cultura. Em 1999, foi tombado como bem cultural pelo Condephaat e iniciou-se um projeto de restauração, concluído em 2002. Nesse ano, sob responsabilidade do Arquivo do Estado de São Paulo, foi criado o Memorial da Liberdade.

A implantação do projeto teve início em 1º de maio de 2008, quando o espaço foi rebatizado como Memorial da Resistência. No dia 24 de janeiro de 2009, o Memorial da Resistência de São Paulo consolidou a sua implantação, assumindo o compromisso cívico de reconstrução da memória e da história política do Brasil.

## Projetos Educacionais

O Memorial da Resistência de São Paulo visa reconstituir a trajetória de brutalidade das estratégias de controle e repressão do regime ditatorial brasileiro e as diferentes manifestações de resistência da população. Dessa forma, procura promover reflexões sobre as práticas autoritárias e contribuir para processos de conscientização sobre direitos humanos e formação da cidadania.

O material produzido dá margem para diversos processos de aprendizagem, com recursos que podem ser adaptados para muitos contextos de atuação. Entre os eixos temáticos destacam-se a cidadania, direitos humanos, memórias e muitos outros assuntos que os professores podem trabalhar. Destina-se especialmente ao professor de História que atua no Ensino Médio. Como subsídios para os professores, estão presentes no material de apoio e durante toda a exposição os documentos históricos relacionados aos períodos da Era Vargas (1930 – 1945) e do regime civil-militar (1964 – 1985).

A ideia é que o professor visite o local e utilize também o material de apoio, para o desdobramento das reflexões. O subsídio para educadores começa com um texto explicativo sobre o ponto de vista teórico do material e sobre o trabalho com os documentos históricos em sala de aula. Também apresenta os focos de interesse, com as opções que norteiam o percurso educativo proposto e seus contextos, a partir de textos informativos que contextualizam os documentos históricos selecionados e seus potenciais educativos. Ainda fazem parte desse kit um glossário, que traz a definição de termos sublinhados nos textos, e a bibliografia de materiais consultados e recomendados. A reprodução de documentos históricos, com propostas educativas, consolida o material. São pranchas com a cópia de documentos históricos, que apresentam no verso propostas educativas de leitura e atividades.



Largo General Osório, 66 – São Paulo – SP  
Tel.: 55 11 3335-4990

Aberto de quarta a segunda, das 10h às 17h30  
(Fechado às terças)

**Entrada Gratuita**

faleconosco@memorialdaresistencia.org.br  
facebook.com/memorialdaresistencia.org.br



Cleane Santos / Divulgação

# Psicologia no pensamento do Ocidente:

das raízes gregas aos  
alicerces na modernidade



**M**arina Massimi é professora pesquisadora da Universidade de São Paulo e protagonista de uma trajetória coesa no estudo da história da Psicologia. Com inúmeras publicações nacionais e internacionais acerca das raízes históricas da construção dos saberes psicológicos no Ocidente, ela nos oferece elementos preciosos para o entendimento das concepções existentes sobre os fenômenos relacionados à vida mental nos diferentes períodos da história humana.

*História dos saberes psicológicos* é uma viagem no tempo que resgata, em minucioso registro e cuidadosa reflexão, as bases da construção do pensamento no Ocidente sobre as concepções e a evolução dos saberes psicológicos. Esse resgate remonta ao “surgimento do termo psique na cultura da Grécia Antiga a partir do século V a.C.”; à definição do conceito de pessoa no período medieval, que se estende do século I ao século XIV; ao “conceito de indivíduo no panorama da cultura humanista e re-

nascentista dos séculos XV e XVI”; à “criação do termo psicologia no período do humanismo, especificamente no século XVI”; à estruturação da Psicologia como ciência cujo foco foi o estudo da consciência e, finalmente, ao debate filosófico acerca do corpo nos séculos XVI e XVII.

A autora delimita o campo de estudo da história das concepções psicológicas, ao mesmo tempo que descortina o cenário cultural em que se projetam os conceitos e práticas desse conhecimento – cujo ponto de partida é a Grécia Antiga, no momento em que a Psicologia se organiza como ciência e introduz o conceito de mente em substituição ao de alma.

O Capítulo 1, “Conceito de Psique na Grécia Antiga”, aborda o conhecimento do psiquismo ou das concepções de quem é o ser humano e em que consiste seu bem-estar. Massimi explica que esse conhecimento pode ser obtido a partir da leitura de inúmeras fontes da literatura grega antiga, como as poesias épica e lírica (a *Iliada* e a *Odisseia*, de

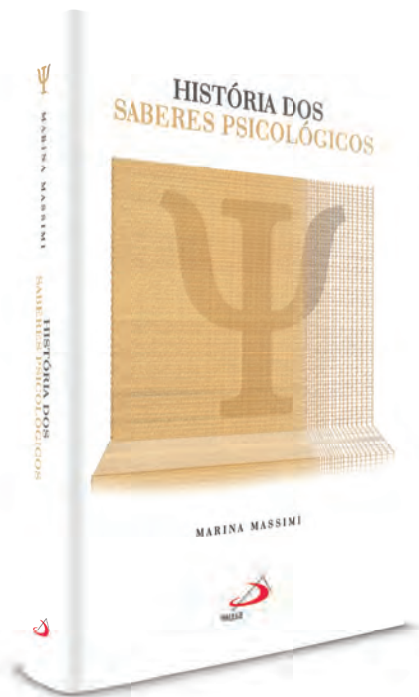
Homero, por exemplo), as tragédias (como *Prometeu* de Ésquilo, *Édipo Rei* de Sófocles e *Medeia* de Eurípedes), os escritos de Filosofia (*Fédon*, a *República* e o *Fedro* de Platão, o tratado *Da Alma* e a obra *De Anima*, de Aristóteles) e os escritos de Medicina (*A doença sagrada* de Hipócrates, por exemplo).

“A Medicina da Alma e a cura da Alma na Roma Antiga”, segundo capítulo, apresenta a visão psicossomática de Galeno, médico que propõe uma “tipologia dos temperamentos”; a *Medicina da alma*, que sugere a cura pela palavra em Sêneca (nos textos *Cartas para Lucílio* e *Consolação a Mária*) e em Cícero (na obra *Tusculanae*); e, ainda, *As Meditações* de Marco Aurélio, cujo estoicismo retrata um “exercício espiritual” de “autoaperfeiçoamento, como arte de viver e estilo de vida” (p. 127).

O Capítulo 3 explora as origens do conceito de pessoa na tradição judaica e primeira era cristã, destacando as contribuições das obras de Agostinho de Hipona, *Confissões*,



*A Trindade e A cidade de Deus*. Agostinho desvela que “a pessoa pode se conhecer a partir de sua própria narrativa autobiográfica e a tematização da memória como lugar do conhecimento de si” (p. 155). O capítulo menciona a importância da memória, do ato de entendimento e da “função decisiva da vontade no processo do autoconhecimento” (p. 172).



O Capítulo 4, “Saberes psicológicos em contexto medieval”, destaca a busca de respostas à pergunta “Quem sou eu?”, apoiada em modelos exemplares que podem espelhar a forma de ser do homem, como o exemplo do cavaleiro medieval que traduz o “ideal ético” do “heroísmo e da virtude”. O longo período da Idade Média – “a partir do ano de 476 d.C. (fim do Império Romano do Ocidente) ao ano de 1492 (descobrimiento da América)” (p. 185)

– mostra três eixos dos saberes psicológicos: a consolidação do conceito de pessoa, “ser individual” que se distingue do “conceito de homem que pode ser entendido de modelo geral e abstrato” (p. 253), fundamentado no pensamento de Tomás de Aquino; o aprofundamento do conhecimento de si mesmo, com base no método autobiográfico de Agostinho (que encontra na prática religiosa da confissão uma legitimação); e as Medicinas medieval e psicossomática, com suas perspectivas de cura.

O Capítulo 5 aborda a construção do conceito de indivíduo nos períodos humanista e renascentista, cujo cenário comporta a “primeira obra que contém o termo ‘psicologia’” (p. 259), em 1518; a Reforma Protestante na Alemanha, em 1517; e a presença de Leonardo da Vinci, que, como cientista e artista, expõe seu “método de investigação”, relacionando “o intelecto e a fantasia (imaginação)” ou “conhecimento e amor (interesse pelo objeto)” (pp. 264-266). O conceito de indivíduo evidencia o “valor único de cada ser humano” e a importância de se ter em conta as individualidades “na composição do corpo político e social” (p. 320).

Em “O percurso da modernidade rumo à construção de uma ciência psicológica”, sexto capítulo, a autora menciona as contribuições de Descartes, Spinoza e outros pensadores que estruturam um novo conceito de mente, de corpo e das relações mente-corpo, além de apresentar a definição de “determinismo psíquico” sobre o comportamento (p. 331-345).

O sucinto Capítulo 7, último da obra, apresenta uma breve explana-

ção sobre a trajetória percorrida na narrativa, que permite compreender a estruturação do conceito de subjetividade – atualmente o objeto maior de estudo da Psicologia, que no fio da história está associado à definição anterior de pessoa em Agostinho e ao conceito de indivíduo constituído no Renascimento.

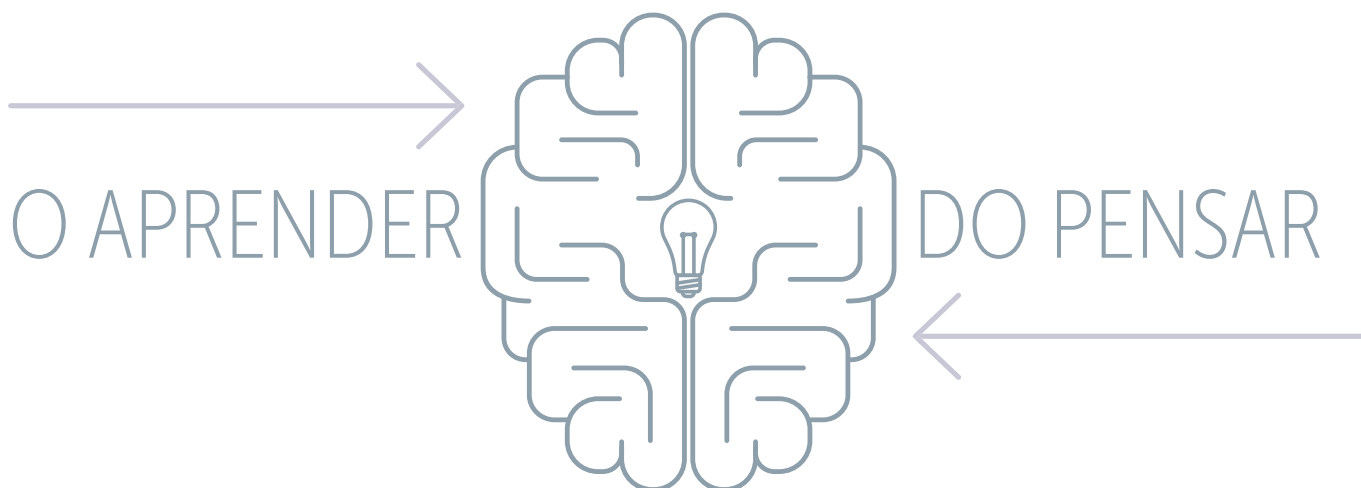
O objetivo da obra, “proporcionar uma visão global” em uma espécie de metacurso que oferece uma visão de conjunto e histórica (p. 11) aos saberes psicológicos, é excelentemente cumprido ao oferecer ao leitor uma preciosa análise das raízes do pensamento ocidental acerca das principais conceituações da Psicologia ao longo de sua história de construção como campo de conhecimento.

Sem dúvida, o livro é um recurso valioso que dá suporte a todo aquele que deseje conhecer de modo detalhado as bases históricas da construção da Psicologia no cenário da história humana. Pode contribuir de modo decisivo na elucidação de definições conceituais e pragmáticas no entendimento da vida mental, ao apontar esclarecimentos singulares ante o questionamento da pergunta magna “Quem é o ser humano?”, que foi enfrentada pelos pensadores mencionados.

Fonte de instigante leitura, o livro nos presenteia com esclarecimentos e suscita inspirações e insights. Vale a pena sua leitura!

---

\*Cleusa Sakamoto é psicóloga formada pela USP, com mestrado e doutorado pela mesma instituição; professora universitária na FAPCOM e na UMC; pesquisadora em Criatividade e Inovação; autora de inúmeros artigos científicos e capítulos de livros.



### Educação cognitiva e habilidades sociais:

regras, limites e autonomia



A educação cognitiva é considerada a educação do pensamento, algo que visa à busca de uma forma de preparar o indivíduo para a aprendizagem, para além do ensino de conteúdos. “Enquanto a escola se ocupa de transmitir o conhecimento socialmente construído e compartilhado pela humanidade – formalizado e intelectualizado –, a educação cognitiva se ocupa de apoiar o indivíduo na compreensão desse conhecimento. No caminho, coloca o aluno em contato com a capacidade de recolher as informações do ambiente, relacioná-las e devolvê-las em forma de conhecimento, aprendizagem, comportamento, atitudes, autonomia etc.”, lembra a psicóloga Domitila Miranda, mestre em educação e diretora clínica e de formação do Centro Brasileiro de Modificabilidade (CBM).

Em outras palavras, a educação cognitiva é focada na estrutura do raciocínio, no desenvolvimento das funções cognitivas e operações mentais requeridas para a leitura e interpretação do mundo e das relações, sejam elas teóricas ou vivenciais.

Uma das principais referências sobre educação cognitiva é o biólogo suíço Jean Piaget (1896–1980). Suas teorias estão presentes no sistema educacional, na abordagem de operações mentais requeridas na aprendizagem. “Muitas vezes o docente atua na educação cognitiva em sala de aula sem sistematizar essa práticas, ou até sem a consciência de que o faz”, avalia Domitila.

De acordo com ela, quando os currículos de educação infantil são organizados para desenvolver as bases da aprendizagem, da matemática e da alfabetização, estão atuando com base na Educação Cognitiva. Porém, a professora entende que, em sua maioria, isso acontece “no improvisado”, e a sistematização teórica e pedagógica dessa prática poderia transformar o sistema de ensino significativamente. “Atualmente se fala muito em Neuroaprendizagem, Neuropedagogia, Neurociência e Neuropsicologia direcionada à educação. Este momento me dá dicas de que a Educação Cognitiva está cada vez mais acessível às propostas de formação de professores e, portanto, sendo aplicada de forma mais objetiva em sala de aula. Mas o caminho ainda é longo”, aponta.

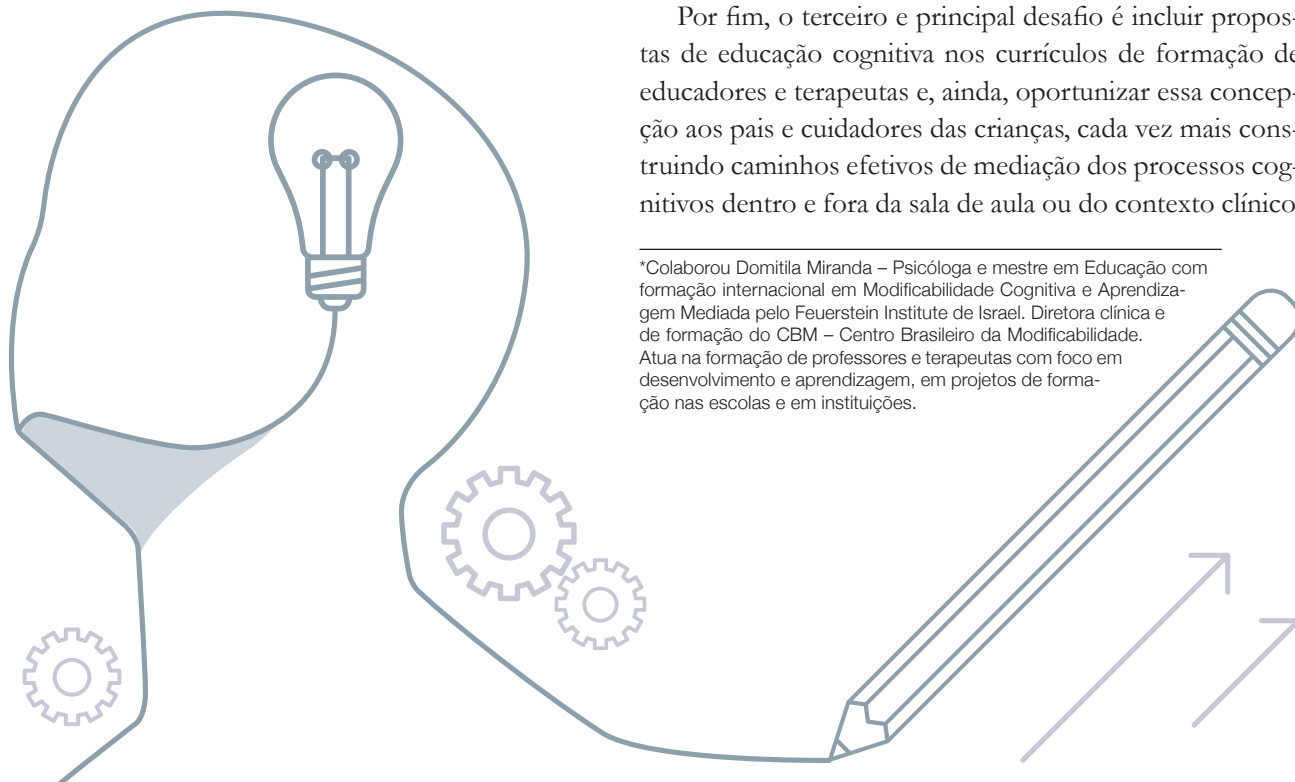
Para Domitila, a escola que promove a educação possibilita a conquista de novas aprendizagens. “É uma relação recíproca, dialética, inseparável e ininterrupta. Nós já sabemos que modelos de ensino orientados somente para o repasse de conteúdos estão falidos”, ela sinaliza.

Atualmente, as propostas pedagógicas são orientadas de modo que o aluno aprenda como pensa e constrói o conhecimento. É possível observar frequentemente essa tendência em programas alternativos nas escolas para desenvolvimento do raciocínio e na organização do material pedagógico moderno. “Essa é, hoje, uma relação intrínseca e cada dia mais presente na ação pedagógica. Mas também ainda temos um longo caminho pela frente nesse sentido.”

## Habilidades sociais

Também relacionadas entre as aptidões para a convivência em grupo, as habilidades sociais são, em linhas gerais, as inúmeras competências requeridas para convivermos uns com os outros, entre pares, inseridos numa dinâmica social constituída pela cultura e pelas relações interpessoais. Por exemplo, poderia ser a habilidade de identificar a hora em que se deve falar, fazer algo, interagir com o outro e com o grupo, orientado pelas dinâmicas das relações sociais e por um planejamento individual de intenções, indicando aonde se quer chegar com cada uma das ações frente o contexto social. “Cabe destacar que as habilidades sociais são aprendidas, modeladas socialmente e no ambiente onde se concretizam as mediações primárias, como a família e a escola. Nesse sentido, não são somente constituídas de intenção ou necessidades pessoais, mas, principalmente, de modos de agir que os indivíduos entendem como adaptativos, estratégicos e funcionais – um significado construído por vivências e experiências também sociais”, destaca Domitila.

Na perspectiva da educação cognitiva, compreende-se que as habilidades sociais estão amparadas na noção de que o comportamento, antes de se tornar uma ação, palavra ou reflexão, é organizado pelo nosso pensamento, ou seja, tem sua base na cognição.



## Três desafios da educação cognitiva e habilidades sociais

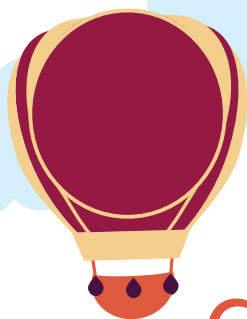
De acordo com a professora Domitila, o tema educação cognitiva e habilidades sociais traz alguns desafios. O primeiro deles nasce a partir da relação entre as duas competências. Por exemplo, entender que uma pessoa que encontra dificuldades para desenvolver habilidades sociais pode ser beneficiada por um projeto de educação cognitiva. Ou, em outras palavras, de promoção, de experiência e de aprendizagem mediada para o desenvolvimento das funções cognitivas requeridas para o estabelecimento de repertórios adequados de habilidades sociais.

O segundo desafio seria a quebra com a visão determinista que prevê que certas condições são impeditivas para o desenvolvimento de um repertório eficiente de habilidades sociais. Ou seja, não cabe a compreensão de que determinados indivíduos enfrentarão tais dificuldades. Por exemplo, pessoas com alguma deficiência ou com histórico de vida ruim não podem ser consideradas, *a priori*, inábeis socialmente. Dentro da visão de que o nosso cérebro é plástico e que, portanto, a modificabilidade cognitiva é uma premissa, a previsão de que qualquer pessoa não possa desenvolver um bom repertório de habilidades sociais é equivocada. Essa compreensão também se fundamenta na perspectiva da educação cognitiva.

Por fim, o terceiro e principal desafio é incluir propostas de educação cognitiva nos currículos de formação de educadores e terapeutas e, ainda, oportunizar essa concepção aos pais e cuidadores das crianças, cada vez mais construindo caminhos efetivos de mediação dos processos cognitivos dentro e fora da sala de aula ou do contexto clínico.

\*Colaborou Domitila Miranda – Psicóloga e mestre em Educação com formação internacional em Modificabilidade Cognitiva e Aprendizagem Mediada pelo Feuerstein Institute de Israel. Diretora clínica e de formação do CBM – Centro Brasileiro da Modificabilidade. Atua na formação de professores e terapeutas com foco em desenvolvimento e aprendizagem, em projetos de formação nas escolas e em instituições.





# s segredos das boas histórias

Lúdico e poético se misturam para dar forma à imaginação e aprendizagem

Os tempos são outros, mas contar histórias e brincar são coisas que nunca saíram de moda, ainda que hoje as atividades sejam realizadas em novos formatos. Porém, a importância do lúdico e do poético nos processos de aprendizagem permanece como um tempero, com a função de acrescentar curiosidade, magia e alegria na educação.

Para a professora Lenice Gomes, formada em História, pós-graduada em Literatura infantojuvenil e autora de livros como *Carolina* e *Os viajantes e o sonhador*, ambos da PAULUS Editora, o lúdico ainda pode ser encarado de acordo com os conceitos do professor e historiador holandês Johan Huizinga (1872 – 1945). Segundo ele, o lúdico vem de uma necessidade humana e o “brincar” é uma parte da atividade de aprender. “Hoje em dia associamos as brincadeiras ao entretenimento, o que restringe a proposta de um *homo ludens* (homem lúdico como um todo). Porém, temos a necessidade de brincar. Brincar é uma atividade lúdica e está totalmente ligada ao aprendizado. Crianças brincam para imitar os adultos, para entender o mundo, para recriar. Um processo de ensino sem ludicidade fica vazio”, aponta Lenice.

Além do lúdico, uma boa história sempre traz o lado poético para quem consegue enxergá-lo e deseja vivenciar a experiência com os alunos. De acordo com a professora Lenice, o poético é sempre poético, pois depende de cada um de nós. “Para mim, a vida traz o poético. Não consigo separar o poético do meu fazer, da minha escrita, das minhas leituras, do momento de contação de histórias. Mas cada um tem um jeito, um olhar especial para este lado poético”, avalia ela.

Para muitos professores, as histórias são, sim, necessárias, por isso a importância da leitura e, cada vez mais, da busca pela construção do poético. Como explica a professora Lenice, “o professor tem que encontrar esse poético dentro de si. Não adianta ser artificial, principalmente com poesia. Uma forma de encontrá-lo é buscar algo que o desperte, que o mova e que esteja ligado a sua poesia interior”, sugere. Boa formação e dedicação à leitura são atributos considerados importantes para o professor de qualquer que seja a área, mesmo que lhe falte tempo para os livros.

A professora Lenice também acredita que precisamos, sim, de muitos contadores de histórias. “Se o contador vai ser a professora ou um profissional na arte contar histórias, dependerá da estrutura da escola, mas temos que começar. A imaginação tem de ser ‘capturada’, para que as crianças tenham momentos prazerosos dentro da escola. Não podemos deixar que lá na frente a literatura se torne uma chatice da qual todos fogem”, lembra Lenice.

## Lúdico x poético

Um modelo ideal para o contador de histórias é aquele que envolve o lúdico e poético na mesma narrativa. No caso da professora Lenice, o ato de contar histórias apresenta uma conexão muito forte entre o lúdico e o poético. “Nas minhas contações o poético vai arrastando o lúdico e eles se misturam na construção da história”, sinaliza. Para ela, lúdico e poético são inseparáveis, mas isso também varia de pessoa para pessoa, pois algumas

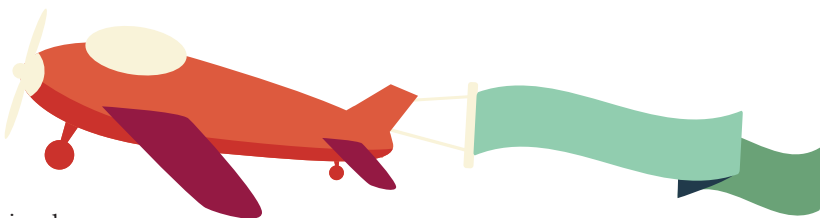
são mais lúdicas e outras, mais poéticas, de acordo com a alma de cada um.

“Posso dizer assim: sem o lúdico não há contação. Voltando a Huizinga, a ludicidade é uma característica do homem. Contar histórias faz parte disso e podemos afirmar que a maior diferença está no meio, pois o contador precisa, principalmente, da voz. Eu acredito que o bom contador é um eterno ‘falador’. Você pode encontrar esses ‘faladores’ em muitas partes (mesmo que não sejam contadores). Aquele que conta sempre uma história, que sempre tem uma palavra, um gesto, que nunca para de exercer a palavra, este é um bom contador. Mas, com certeza, ele também é um bom ouvinte”, descreve Lenice.

Contar uma história exige preparação para que a atividade não soe artificial, o que prejudicaria o ensino. “Não estou dizendo que os professores e professoras deve ser especialistas em contação de história, mas eles precisam dominar algumas técnicas. Se o educador se prepara, vai perceber o momento certo de contar uma história e prender a atenção dos alunos durante uma aula”, diz Lenice.

## Atualização e reciclagem

Atualmente, ferramentas como a internet, por exemplo, podem até falsear uma ideia de distância dos livros, mas, na verdade, as pessoas estão lendo “histórias” nos computadores, tablets ou aparelhos celulares.



“A questão é descobrir quais histórias podem prender a atenção dos alunos. Pode ser que eles prefiram algo mais próximo de suas realidades e temos que conquistar a atenção deles”, lembra Lenice.

A professora também recomenda para os professores que desejam se aperfeiçoar na contação de histórias a busca de formação e participação. Por isso, hoje, até ela, que é reconhecida no segmento e promove oficinas sobre o tema, ainda assiste a palestras, participa de oficinas, lê muito e também conversa com autores e outros contadores. “Algumas pessoas parecem já ter nascido com o ‘dom’ de contar histórias. Mas, quando não temos segurança, a melhor coisa é irmos nos formando aos poucos e, ao mesmo tempo, caminhando, experimentando a atividade.”

A contação de histórias é considerada uma das muitas formas de vivência lúdica e poética, com ganhos reais para todas as disciplinas escolares. Para quem quiser tentar, a professora Lenice aconselha o educador a avançar aos poucos, conhecendo os seus alunos e alunas, antes de querer fazer uso do lúdico e do poético. Depois disso, poderá criar brincadeiras, levar poemas e observar se está obtendo o que deseja no processo de aprendizagem.





# ESTADO ISLÂMICO:

## utopia e a mente delirante

Sempre presentes na imprensa internacional, notícias relacionadas ao Estado Islâmico se espalham pelo mundo, sobretudo pela forma como pensam e agem os militantes salafistas – unidos em prol de uma luta que geralmente envolve religião e utopia. Para falar um pouco sobre o assunto, convidamos o professor da PUC-RS Jacques A. Wainberg, que recentemente publicou pela PAULUS o livro *Revolucionários, Mártires e Terroristas: a utopia e suas consequências*. Acompanhe a seguir o pensamento do autor sobre o tema.

Por definição, a utopia é um lugar que não existe e que jamais existirá, a não ser como fantasia. Exemplo disso é a ambição salafista de restabelecer o califado. No caso, o que motiva os soldados de Alá é a sensação de que os valores da modernidade liberal são inaceitáveis. Por isso mesmo a rebelião militar islâmica se define como restauradora e retificadora. Segundo a teologia salafista, o que é urgente agora é a chegada da boa-nova islâmica, um estado governado pela sharia.

Um salafi representa a figura do crente ideal, o que reproduz na atualidade o comportamento dos primeiros fiéis que viveram na época de Maomé. Este cenário é fantasiado e serve de modelo ao muçulmano contemporâneo. O termo vem de “al-Salaf al-Salih”, os predecessores virtuosos. O devaneio do ISIS (Islamic State in Iraq and Syria) é alimentado por textos canônicos que alinham os militantes muçulmanos à causa dissidente.

Segundo essa doutrina, o mundo há de ser conquistado e convertido. Tal pretensão levou o novelista e Prêmio Nobel Vidiadhar Surajprasad Naipaul a classificar o Estado Islâmico fundado pelo ISIS de IV Reich. Ele chama a atenção para o barbarismo e o fanatismo da organização, sua dedicação ao genocídio e sua crença na superioridade racial.

O comportamento violento e a decorrente fuga desesperada de refugiados começam a ser explicados como consequência do colapso da civilização árabe e islâmica. É o que diz, por exemplo, Hisham Melhem, o editor em Washington do canal por satélite Al-Arabiya. Segundo o ex-comandante do exército do Paquistão, Mirza Aslam Beg, a nostalgia (pelo califado) consola, “mas, para enfrentar os desafios do futuro, a pessoa deve aprender com o passado, e não o viver. As indignidades sofridas por outros devem ser aprendidas como uma lição para o aper-

“Eu sempre defini ‘lar’ como um lugar para onde se foge, mas se tornou um lugar de onde se escapa.”

*Moncef Marzouki, ex-presidente da Tunísia*

feçoamento, e não uma desculpa para a indolência ou a revanche que perpetua em vez de sanar as feridas”.

A verdade é que essa sensação de queda irreversível já há bastante tempo acompanha a opinião pública islâmica e árabe. Ela foi expressa pelo poeta sírio Nizar Qabbani, falecido em 1998. Seu poema “Quando eles irão anunciar a morte dos árabes?” provocou, à época de sua publicação, enorme polêmica, e até hoje é referido como exemplo desse tipo de lamentação. Tal desânimo foi expresso também pelo ex-presidente da Tunísia, Moncef Marzouki. Em seu pronunciamento à TV Al-Jazeera em 11 de setembro de 2015, ele disse: “Eu sempre defini ‘lar’ como um lugar para onde se foge, mas se tornou um lugar de onde se escapa”.

A análise dos 148 conflitos ideológicos listados pelo Heidelberg Institute for International Conflict Research mostra que a utopia mais influente no mundo contemporâneo é a que propõe a formação do Estado Islâmico. Em 2013, grupos que defendem este objetivo atuavam na Síria, Iêmen, Bósnia e Herzegovina, Rússia, Filipinas, Sérvia, Mali, Níger, Nigéria, Somália, Bangladesh, Índia, Indonésia, Cazaquistão, Paquistão, Afeganistão, Argélia, Egito, Iraque, Líbano, Mauritânia, Tajiquistão, Uzbequistão e Arábia Saudita.

Militantes com pretensão revolucionária têm uma característica: eles são irreduzíveis em seus objetivos políticos. O seu mal-estar é geral e irrestrito. Sua luta é contra os fundamentos da sociedade que hostilizam. Qualquer utopia almeja consertar a realidade; propõe um ideal perfeccionista; defende uma causa; desperta a imaginação do militante; refere-se a um mundo desconhecido; articula os descontentes e divulga a esperança. Com frequência, o re-

volucionário utiliza métodos violentos de luta, entre eles a guerra assimétrica. A utopia dá uma resposta à decadência social percebida como intolerável. Esta luta revolucionária, que ambiciona forjar um novo ser humano, cativa e recruta novos simpatizantes e se indispõe às regras democráticas. Ou seja, participam das rebeliões utópicas atores que desejam a profunda transformação da sociedade.

A utopia salafista decorre de um estado delusional. Isso implica uma certeza sustentada com convicção absoluta indisposta à mudança (incorrigibilidade). O revolucionário não se dá conta de que perdeu contato com a realidade. Ele está convencido de que é dotado de um poder especial e de um talento singular. A utopia salafista é um delírio paranoide – o Islã está sendo atacado e ameaça ser destruído por seus inimigos. É um delírio melancólico – a saudade incontida de um tempo no qual o Islã parecia prevalecer no mundo. Também é um delírio de grandeza – o crente muçulmano está predestinado a salvar a humanidade.

O eventual ocaso desta fantasia, a do Estado Islâmico, e de sua aspiração, a que visa a converter todo o mundo às verdades reveladas por Maomé, dará margem para o repensar desta dolorosa fantasia. Até que isso ocorra, as pessoas continuarão a assistir ao drama do embate sectário que separa os sunitas dos xiitas, e o civilizacional, que separa esta nova doutrina totalitária da liberal.

\*Jacques A. Wainberg é professor titular da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e pesquisador do CNPq, categoria 1C. Além de dezenas de artigos e capítulos, o autor publicou recentemente *Revolucionários, Mártires e Terroristas: a utopia e suas consequências*, e, em 2005, *Comunicação e violência política*, ambos pela PAULUS. Também é tradutor, professor pesquisador e professor visitante de várias universidades estrangeiras.





### Temas e dilemas do pós-digital

Lucia Santaella

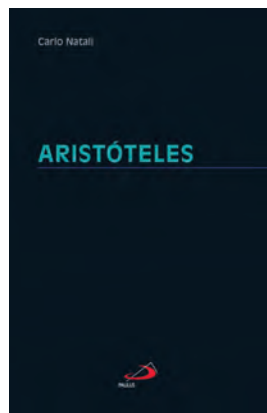
Pensar a tecnologia na era do pós-digital significa implicá-la nas táticas e estratégias do poder. O mundo digital cobra de quem se põe a pensá-lo que esse pensamento esteja mergulhado naquilo que esse mundo tem a oferecer, para que possam ser perscrutadas suas ambivalências, paradoxos e contradições. Enquanto a simpatia fala aos afetos, a discussão fala ao intelecto. A ambição deste livro é que ambos se unam em uma melodia comum.

Formato: 13,5 cm x 21 cm Páginas: 280

### Aristóteles

Carlo Natali

Em *Aristóteles*, Carlo Natali, especialista em Filosofia Grega Antiga e professor da Università Ca' Foscari de Veneza, na Itália, oferece algumas indicações para a leitura de Aristóteles. Para tanto, percorre os escritos de todas as obras do filósofo junto com o leitor, como se fossem as ruas de uma das mais belas cidades da arte, ilustrando para esse hóspede as belezas, defeitos e problemas de modo mais direto e imediato possível. A obra ainda procura dar uma nova síntese de pensamento do “Mestre dos que sabem”, servindo como um guia para onde olhar, assim como sinalizações de outros caminhos e material para aprofundamento.

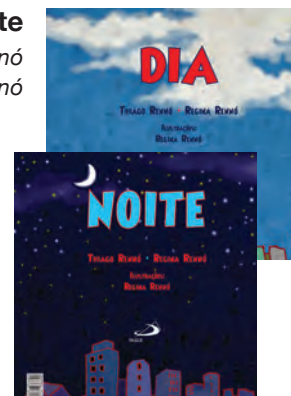


Formato: 13,5 cm x 21 cm Páginas: 400

### Dia Noite

Regina Rennó e Thiago Rennó  
Ilustrações de Regina Rennó

Com proposta inovadora, a obra infantojuvenil não apresenta textos, mas conduz o leitor por meio do cotidiano das pessoas, ao longo dos acontecimentos do dia e da noite. As envoltivas ilustrações de Regina Rennó estimulam a imaginação e possibilitam muitas propostas de atividades. A ideia é que o leitor construa suas próprias cenas, trabalhando seus próprios pensamentos, a partir das figuras de conteúdo aberto que o livro apresenta. O livro foi construído de modo que o leitor seja sempre coautor, capaz de colaborar com o desenvolvimento do enredo.



Formato: 21 cm x 21 cm Páginas: 20



### Mudança de horizonte

Dietmar Kamper

*Mudança de horizonte* é o último trabalho publicado em vida pelo filósofo e sociólogo alemão Dietmar Kamper. Nele se encontram os principais temas de sua trajetória intelectual: corpo, abstração, imaginação, estética, amor. Aqui, porém, esses temas surgem acrescidos de um novo olhar e desdobrados em direção a um novo horizonte. A obra contempla desde questões atuais, como a virtualidade, até preocupações mais antigas do autor, como a proposição de uma antropologia e de uma estética.



Formato: 13,5 cm x 21 cm Páginas: 244





### Ética, direito e política

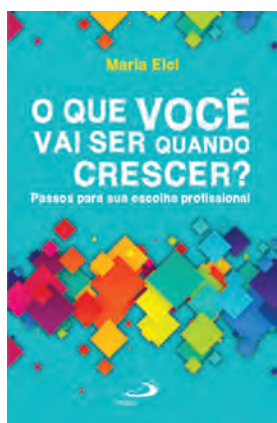
**A paz em Hobbes, Locke, Rousseau e Kant**

Paulo César Nodari

Dividida em seis capítulos, esta obra de Paulo César Nodari analisa o raciocínio político de Hobbes, defendendo a tese de que o filósofo inglês é um incansável defensor da paz. A seguir, Nodari analisa Locke, que, segundo ele, é uma das referências notáveis e imprescindíveis para a compreensão da arquitetura política do mundo moderno. Para tratar

de Rousseau e sua contribuição para a paz, o autor fala sobre os questionamentos centrais que dominavam os debates políticos nos séculos XVII e XVIII: aumento de desigualdade entre seres humanos e o problema da legitimidade do absolutismo político.

**Formato:** 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 304



### O que você vai ser quando você crescer?

**Passos para sua escolha profissional**

Maria Elci

O que você vai ser quando crescer? Essa pergunta nem sempre é fácil de se responder. Com leveza, objetividade e seriedade, o livro trata o tema da escolha profissional a partir do acompanhamento de um grupo de jovens que são desafiados a escolher os rumos da própria vida. O texto busca auxiliar o jovem a perceber as suas potencialidades, visualizar as possibilidades e refletir sobre qual caminho seguir.

**Formato:** 13,5 cm x 21 cm **Páginas:** 136

### Carolina

Lenice Gomes

Ilustrações de Eliana Delarissa



Neste envolvente livro infantojuvenil, a irmã de Carolina inicia a narrativa em tom de confissão e mistério. Tudo acontece enquanto ela arruma uma gaveta, rasgando e guardando papéis, até que encontra os desenhos que fez um dia após seguir a irmã, quando Carolina saiu para passear com sua sombrinha colorida. Carolina passeava por entre folhas, flores e frutos, fotografando abelhas, acompanhando o voo de gafanhotos e voando com eles. Também escorregava entre lagartixas, na bica de água, descobrindo a vida, levando o dia sem pressa.

**Formato:** 21 cm x 27 cm **Páginas:** 24

### Foi assim que me contaram

Adalberto Cornavaca



Diz o ditado: “Quem conta um conto, aumenta um ponto”. Tem gente que, para deixar uma história mais interessante, inventa coisas que não existem. Quem ouve, inventa um pouco mais. *Foi assim que me contaram* destaca o lado divertido e pitoresco dessa prática, mostrando até que ponto um pequeno exagero vai sendo acrescido de outros pequenos exageros. Acompanhe esta maravilhosa aventura por meio de ilustrações que dialogam com os leitores e estimulam a imaginação.

**Formato:** 21 cm x 27 cm **Páginas:** 32





# O que você vai ser quando crescer?



O caminho da conscientização na complexa escolha profissional dos alunos

A clássica pergunta que serve de título para a matéria é inevitável, sobretudo quando o estudante chega aos últimos anos do ensino médio. Para entender melhor a questão conversamos com Maria Elci Spaccaquerche, autora dos livros *Encontros de Psicologia Analítica*, *Orientação profissional passo a passo* e *O que você vai ser quando crescer – Passos para a sua escolha profissional*, todos publicados pela PAULUS. Ela também é psicóloga e professora, tendo atuado, entre 2000 e 2007, como responsável pelo serviço de orientação profissional online do COGEAE (PUC-SP). Acompanhe a seguir um pouco do pensamento da autora.

## Qual é a sua formação e área de atuação no momento?

Minha formação e área de atuação é Psicologia. Me formei pela PUC-SP e lá tive minha maior experiência na área de Orientação Profissional, pois durante bons anos fui coordenadora e professora desse núcleo dentro da formação dos psicólogos. Também fiz um trabalho com jovens do Ensino Médio, numa escola particular de São Paulo, e fui a responsável pelo serviço de Orientação Profissional online

da COGEAE, na PUC-SP, que atendeu, entre 2000 e 2007, mais de dois mil jovens trabalhadores do Banco do Brasil.

## Em sua opinião, o que significa fazer uma boa escolha profissional?

Melhor do que uma boa escolha, eu diria uma escolha consciente. A boa escolha é aquela que você faz sabendo por que está fazendo. O caminho profissional é construído através de muitas escolhas. E, como diz o poeta Moreno, “caminhantes são teus passos, o caminho e nada mais. Caminhante faz-se o caminho ao andar”. É um processo. Fazemos algumas escolhas, seguimos em frente, analisamos o caminho e fazemos novas escolhas ou “re-escolhas”.

## Maria Elci, você diria que fez a escolha certa?

Sim. Acredito que sim.

## Como foi a sua infância? Você já sabia que profissão iria seguir?

Na minha infância e juventude gostava muito de ler e estudar. Gostava muito de literatura. E era boa na análise de

personagens, contexto das histórias etc. Pensei mesmo em fazer línguas, pois tinha facilidade com idiomas e gostava de literatura e redação. No entanto, no momento da escolha de um curso e profissão, outras variáveis entraram em jogo, e, analisando-as, acabei por escolher Psicologia. Psicologia era um desafio e podia responder a meus interesses em sociologia, educação e pessoas. O interesse por idiomas e literatura continuou. Os idiomas se tornaram instrumentos para meus estudos. E a literatura, além de ocupar meus momentos de lazer, contribui para a compreensão da alma humana.

### **Por que a escolha de uma profissão deve ser planejada? E como?**

Quando somos jovens temos muitos interesses – e, se temos almas jovens, continuamos a nos interessar pelos temas da vida na fase adulta. No entanto, saber discernir quais são os interesses que focaremos na vida profissional é bastante complexo. Além de interesses, outras informações a respeito de si mesmo são importantes, como valores, atitudes, habilidades. Por outro lado, o conhecimento da realidade dos cursos e do mercado de trabalho ajuda o jovem a prospectar sua carreira profissional.

### **Como os professores podem orientar os alunos na escolha da profissão?**

Existem muitos livros a respeito. Os professores precisam se interessar sobre o assunto. Eu mesma tenho dois livros que podem ajudar: *Orientação profissional passo a passo* e *O que você vai ser quando crescer*.

### **De que forma a família pode auxiliar no momento de decisão?**

Creio que a família pode ajudar dando aos jovens oportunidades de conhecer várias áreas do saber e do fazer, incentivando-os muito mais a ter atitudes éticas e de bem-viver, além de ampliar seus conhecimentos. Ter várias atividades, participar de jogos esportivos na escola ou fora dela, fazer cursos de música, canto, *ballet*, teatro etc.

### **Como saber a hora certa para decidir? De qual faixa etária estamos falando?**

Quando falamos de escolha profissional, estamos falando de final de ensino fundamental – pois o jovem pode escolher uma escola técnica – e de final de ensino médio – os dois últimos anos.

### **Os testes vocacionais, testes psicológicos e feiras de profissões podem ajudar os alunos?**

Sim, podem ajudá-los na ampliação de informações sobre cursos e áreas de atuação profissional. Somente testes não são suficientes, pois o jovem não é uma caixa preta, cuja resposta de vida estará num teste. E nem só informações são suficientes. Na verdade estamos falando de um processo em que o jovem aprende a escolher. E, ao fazê-lo, ele se compromete com sua escolha.

### **Com tantas opções de carreira, o que o jovem deve priorizar? Economia, profissões em alta? Por onde caminhar?**

Essa não é uma resposta fácil. A resposta está no jovem que vai escolher e o que ele quer para vida dele. Escolher somente pelas demandas atuais e externas não resolve, porque o mercado muda. O que está em alta hoje pode não estar daqui a cinco anos, quando ele se formar.

### **Os jovens devem estar atentos à demanda do mercado ou devem seguir as aptidões e afinidades? Os sonhos devem ser levados em consideração?**

Sim, para todas essas questões. Tudo isto deve ser levado em consideração: sonhos, talentos, afinidades e a realidade em que vivemos.

### **Por que o medo e a indecisão assustam tanto os jovens?**

Em geral, porque a ansiedade dos adultos é passada para os jovens e porque eles querem respostas rápidas. Quando há reflexão e acompanhamento, essas ansiedades diminuem.

### **Como os alunos podem enfrentar essa fase de dúvidas e incertezas?**

Procurando orientação na área.

### **O sucesso em uma carreira está ligado a uma escolha definitiva?**

Não. O sucesso está diretamente ligado a sua postura diante da vida e a sua definição de sucesso. O sucesso vai muito além de uma escolha definitiva, até porque isso não existe. Você pode fazer várias escolhas a partir da primeira, que vai encaminhá-lo para outras.



## Em sua opinião, o sucesso profissional está relacionado apenas com o retorno financeiro?

O retorno financeiro é extremamente importante. Mas o sucesso profissional vai além dele: é você sentir-se realizado com aquilo que faz e que lhe toma um tempo incrível, muitas vezes mais de oito horas por dia. É você gostar do que faz, fazer o melhor e querer sempre se aprimorar.

## O que é um plano de carreira?

Um plano de carreira se inicia com a primeira escolha profissional, em geral com um curso que o habilita para algumas áreas do fazer. Ao longo do tempo, as experiências no próprio campo de trabalho vão permitir que você tenha clareza sobre um plano de carreira. Isso só é possível quando o jovem já começou a atuar no mercado de trabalho ou está no final de um curso, atuando como estagiário.

## Qual é o perfil do profissional que faz uma boa escolha profissional?

Qualquer um pode fazer uma escolha profissional consciente e que será eficaz na sua vida.

## O que te motivou a escrever o livro *O que você vai ser quando crescer*?

Exatamente na época em que meu filho estava fazendo sua escolha profissional, e ainda por atuar nessa área com jovens, percebi que esse livro poderia ajudá-los a refletir sobre a escolha e ajudar professores a entender esse processo.

## O que é o processo de orientação profissional na escola? Como e qual escola pode utilizá-lo?

Qualquer escola poderá trabalhar com os jovens nessa área. Tudo depende do *currículo* da escola.

## Algumas escolas dedicam um tempo para esse trabalho de orientação. O que fazer quando os jovens não se interessam por nenhuma profissão?

São muitas as variáveis para que isso ocorra: problemas do próprio jovem, pressões além do que ele aguenta etc. Mas é interessante que, quando os jovens trabalham em grupo, mesmo aqueles que de início parecem não se interessar



acabam por se envolver com o tema e participar do processo de escolha de maneira positiva.

## Quais influências os jovens sofrem na hora de escolher?

Hoje em dia, os jovens sofrem grande influência dos filmes e séries a que assistem no computador ou Netflix. Mas os grandes modelos profissionais que eles apontam ainda são pessoas do círculo familiar. E, mais do que as profissões, eles aprendem posturas e atitudes diante do trabalho.

## Como você observa o futuro das profissões no Brasil?

Existe uma enorme gama de profissões. Muitas escolhas. Anos atrás, o Brasil sofria de grande necessidade de bons técnicos, mais do que economistas, administradores e outras formações de curso superior. Além de o Brasil ainda precisar de bons técnicos e ter poucas boas escolas técnicas, cada vez mais se observa a necessidade das competências atitudinais, ou seja, de posturas profissionais e éticas – tanto para profissionais de nível técnico quanto superior. Essas competências atitudinais e éticas estão presentes no dia a dia, dentro do trabalho efetivo. São elas que geram o produto eficiente, que entregam qualidade e, nessa medida, são elas que constroem uma nação.

# A influência da internet na vida das crianças e adolescentes



Divulgação

A internet (em palavras simples: rede internacional de computadores) faz parte do dia a dia de um grande número de pessoas, obviamente, ao redor do mundo. A internet nasceu para atender a fins militares; contudo, seu uso foi se alargando e se tornou comercial. Nos dias atuais, é possível encontrar de tudo – ou quase tudo – na internet; com isso, cabe ao usuário o bom no tocante às páginas que acessa e ao conteúdo que promove. Por si mesma, a internet não é boa ou má – o que a torna instrumento de edificação ou destruição, por exemplo, de valores é o próprio ser humano, que, ao se sentar diante do computador – ou de seu dispositivo eletrônico de preferência –, navega pelos mares que mais lhe são agradáveis.

Crianças e adolescentes, em geral, gastam muito tempo diante do computador. Esse “muito tempo” já pode ser considerado algo a ser questiona-

do, pois, no mínimo, outras atividades tendem a ser deixadas de lado, como o relacionamento real com pais, irmãos e amigos e as obrigações ou atribuições que seriam normais e inteiramente legítimas – fazer o dever de casa, por exemplo. Os ditos “nativos digitais”, sem dúvida, têm “habilidades” estreitamente relacionadas aos meios que, em certa medida, os identificam; porém, não é saudável que eles sigam por essa trilha sem as devidas sinalizações. Afinal, se são crianças e adolescentes, eles estão vivendo o tempo favorável da aprendizagem e do estabelecimento das parametrizações da existência.

Se adultos têm acesso relativamente fácil à internet, crianças e adolescentes também o têm. Nesse caso, pais e adultos responsáveis são chamados a educar, orientar e, ainda, se for o caso, estabelecer os limites para o uso que crianças e adolescentes farão da internet. Embora, mesmo com tais medidas, que podem parecer duras demais, crianças e adolescentes tendam a burlar as fronteiras estabelecidas, seja em casa ou em outro ambiente. Diante desse panorama, surgem alguns questionamentos: quais caminhos assumir na educação dos filhos com relação à internet? Como orientar adolescentes que estão, de modo particular, descobrindo a si próprios e ao mundo? Como estabelecer limites que sejam adequados e producentes? Não há receita pronta; contudo, algumas sugestões que podem ser válidas e aprimoradas a partir de seu uso da internet e, principalmente, da relação

que se estabelece entre pais e filho ou adultos responsáveis pela educação de crianças e adolescentes.

Pais e responsáveis pela educação e orientação de crianças e adolescentes deveriam favorecer sempre – mesmo que isso pareça algo idealista demais – a abertura para o diálogo. Diálogo implica, entre outras coisas, confiança e disposição. Nesse sentido, conversar com clareza e franqueza sobre questões práticas da vida ajuda a prevenir distanciamentos. Conversas sobre os conteúdos vistos na internet certamente são salutares e necessárias. O recurso de bloquear certos sites também é interessante e possível; contudo, se esse bloqueio for feito, terá impacto bem mais positivo se for dialogado, principalmente quando se trata de pré-adolescentes e adolescentes. Restrição de tempo ou estabelecer acordos quanto aos horários em que a internet será acessada é algo bastante positivo. Essa postura vai evitar, possivelmente, que crianças e adolescentes se tornem, de um lado, sedentários e, de outro, notívagos, ou seja, criaturas da noite que passam boa parte do dia dormindo, cochilando ou desatentos.

Como dito inicialmente, a internet não é um monstro a ser evitado, mas um instrumento a ser descoberto e explorado com critérios. No caso de crianças e adolescentes, são os pais e responsáveis que devem apontar tais caminhos para as gerações mais novas.

\*Alexandre Carvalho é coordenador do Editorial Infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br



# Amigos REAIS e VIRTUAIS



Divulgação

É evidente que a internet, mais particularmente as redes sociais, ampliou enormemente as possibilidades de contato entre as pessoas. Mas isso não significa que ficou mais fácil arranjar amigos ou criar laços de amizade.

Há séculos filósofos e pensadores em geral tentam definir o que é um amigo de verdade. Fiquemos com um dos mais famosos: o grego Aristóteles, que viveu no século IV antes

de Cristo. Dizia ele que um amigo de verdade é aquele que pensa no bem do outro, que se esforça por fazer o outro crescer interiormente para se tornar uma pessoa cada vez mais virtuosa. O amigo verdadeiro não busca sua própria satisfação ou seus próprios interesses. Em uma palavra: não é interesseiro.

Por isso, precisamos desconfiar de tanta gente que quer ser “nosso amigo” nas redes sociais. O que se espera dessa “amizade”? Amizade não se ganha, conquista-se. Não é clicando no *mouse* que ganhamos amigos.

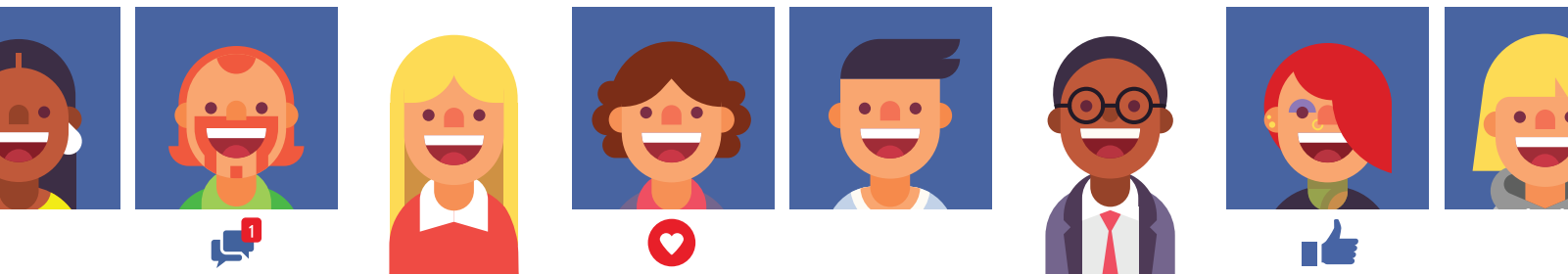
A amizade verdadeira exige esforço de compreensão, disponibilidade de atenção e companhia, generosidade e altruísmo. Por isso, leva tempo para ser construída. Mas, quando se concretiza, pode durar a vida inteira.

O amigo verdadeiro nos impulsiona, nos puxa para cima, nos faz acreditar em nós mesmos. Ele presta atenção não só naquilo que dizemos, mas principalmente naquilo que não dizemos, que fica preso em nossa garganta e que temos receio de con-

fessar. É por isso que um amigo de verdade é importante em nossa vida. Ele não concorda conosco o tempo todo; ao contrário, sabe ser firme nas críticas, não porque gosta de criticar, mas porque quer nosso bem. Esse amigo vale ouro; é o amigo que se deve guardar “no lado esquerdo do peito”, como diz a canção. Tem gente que “colecciona” amigos nas vitrines das redes sociais como se colasse figurinhas num álbum.

A internet abriu imensas possibilidades de contato. Podemos conhecer muitas pessoas, mas transformá-las em amigos de verdade requer esforço e dedicação. E principalmente conviência, olho no olho. É preciso sair do mundo virtual e pisar o chão do mundo real. Só assim saberemos se temos, de fato, um amigo.

\*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br



# Um presente pra mudar o futuro



40 páginas

O presente - Mônica Guttmann

Ilustrações  
Simone Matias

Os pais dele trabalham o dia todo e mal têm tempo para conversar. Sua única companhia é o cãozinho Duffi, que o segue para todo canto. Até que, um dia, ele dá de cara com um curioso presente na porta de casa, que chega pouco antes de uma cartinha cheia de mistério. O que terá dentro do estranho pacote? Descubra no livro **O presente**, de **Mônica Guttmann**, com ilustrações de **Simone Matias**.

**PAULUS**,  
dá gosto de ler!

paulus.com.br  
11 3789-4000 | 0800-164011  
vendas@paulus.com.br

  
PAULUS



# Sê caipira é Bão demais, SÔ!

## Um certo Dito: caipira

Elinaldo Meira

A cultura caipira é tão antiga quanto o Brasil, nos diz Seu Dito, no livro *Um certo Dito: caipira*. E nos diz mais: "Ser caipira é ser bicho do mato, mas também da cidade. Ser caipira é se encantar com as coisas naturais, parar e ouvir os sabiás em algum lugar de uma cidade barulhenta". Seu Dito convida você para conhecer de pertinho a cultura do sertão. Muito sotaque, poesia e natureza vão te envolver até a última página da história de *Um certo Dito: caipira*.



40 págs.

**PAULUS,**  
dá gosto de ler!

**paulus.com.br**  
11 3789-4000 | 0800-164011  
vendas@paulus.com.br

**PAULUS**